

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

RITA CRISTINA COELHO DE ALMEIDA SANTIAGO

**IGREJA - UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA PARA INFÂNCIA
E JUVENTUDE**

**São Leopoldo
2007**

RITA CRISTINA COELHO DE ALMEIDA SANTIAGO

**IGREJA - UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA PARA INFÂNCIA E
JUVENTUDE**

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para obtenção do grau de Mestre em Teologia

Escola Superior de teologia

Instituto Ecumênico de Pós-Graduação

Religião e Educação

Orientador: Dr. Rodolfo Gaede Neto.

São Leopoldo

2007

“Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas brotará e dará ramos como a planta nova”.

Jó 14.7-9.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por esta oportunidade ímpar de possibilitar-me este Mestrado.

Agradeço ao meu marido Jefferson e a tia Lú pelo apoio constante.

Agradeço ao professor Dr. Rodolfo Gaede Neto que, mesmo sendo um homem de muitas ocupações, mostrou-se disposto a orientar-me nessa pesquisa.

À Steffanie, minha filha,

devo a convicção de que os sonhos alimentam a existência.

E ainda a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho ocupa-se com a questão: como a Igreja Batista poderá desenvolver um trabalho com a infância e a juventude que a freqüenta, de modo a responder aos desafios que a sociedade hodierna apresenta nos contextos dessas faixas etárias? Por meio dessa pesquisa apresenta-se uma análise teológica e psicológica que fundamenta a prática terapêutica na igreja, descrevendo os critérios e exemplos bíblicos, bem como os fundamentos psicológicos e psicanalíticos de Sigmund Freud. Analisa-se a Congregação Batista como um espaço favorável para a promoção de cura do ser em sua integralidade. Para isto fez-se uso da metodologia da pesquisa-ação. Algumas crianças e alguns jovens foram entrevistados e falaram sobre suas histórias de vida e a concepção da imagem de Deus. Como referenciais teóricos utilizaram-se bibliografias dos autores: Erik Erikson e Sigmund Freud; Gary Collins e H. Clinebell. O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro demonstra-se a necessidade de a igreja Batista promover a terapia à infância e à juventude inseridas numa sociedade secularizada; pontuam-se aspectos do contexto pós-moderno, dos estágios psicossociais e dos estágios da fé, bem como o desafio da igreja em promover vida abundante. No segundo capítulo explica-se a missão da igreja como comunidade terapêutica; faz-se um breve histórico sobre a formação da igreja Batista no Brasil e enfatiza-se a questão da missão da igreja; no terceiro capítulo a preocupação é apontar caminhos para o desenvolvimento da prática terapêutica na igreja Batista; por fim, no quarto e último capítulo apresentam-se propostas para encaminhar o problema levantado nesta pesquisa.

Palavras-chave: comunidade terapêutica, infância, juventude, igreja e missão.

ABSTRACT

This work deals with the question: how the Baptist church will develop a work with its children and teenagers members, in such a way to answer hodiern so ciety challenges faced in these age groups contexts? Through this research, a psychological and theological analysis is presented to make possible the therapeutic praxis in church, describing the criteria and biblical examples as well as Sigmund Freud's psychological and psychoanalytical basis. It analyses the Baptist Congregation as a favorable place to promote human essence healing in its completeness. For this reason, it takes use of the research-action methodology. Some children and some young people were interviewed, when they talked about their own livings and what image of God they have got. As theoretical references, it was consulted some bibliographies from the authors Erik Erikson, Sigmund Freud, Gary Collins and H. Clinebell. This work is divided into three chapters. The first one demonstrates the Baptist church's need to promote a therapy for the childhood and the youth inserted in a secularized society; some aspects are pointed out from post-modern context, from the psychosocial stages and from the faith stages, as well as the church's challenge to promote abundant life. The second chapter explains the church's mission as a therapeutic community; there is a brief review about the origins of Baptist church in Brazil and a special emphasis in the church's mission. In the third chapter concerns to point ways to therapeutic praxis development in Baptist church, At last, in the fourth and final chapter, presenting suggestions to manage the problem raised by this research.

Key words: therapeutic community, childhood, youth, church and mission.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 DEMONSTRANDO A NECESSIDADE DE UMA IGREJA BATISTA QUE PROMOVA A TERAPIA À INFÂNCIA E JUVENTUDE INSERIDAS NUMA SOCIEDADE SECULARIZADA.	
1.1 Contexto pós-moderno	13
1.2 O desafio da vida abundante	17
1.3 Conceituação	18
1.4 Aspectos históricos	20
1.5 Os estágios psicossociais e os estágios da fé	22
2.0 Avaliando a situação	24
2.1 A rotina de atividades	29
2.2 A perspectiva	32
2 EXPLICANDO A MISSÃO DA IGREJA BATISTA COMO COMUNIDADE TERAPÊUTICA PARA INFÂNCIA E JUVENTUDE.	
2.1 Origem do termo igreja e a missão dela no mundo	34
2.2 Breve histórico sobre a formação da igreja Batista	40
2.3 Conceitos sobre terapia e comunidade terapêutica	48

3 APONTANDO CAMINHOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA TERAPÊUTICA NA IGREJA BATISTA A PARTIR DOS APORTES DAS TEORIAS DE ERIK ERIKSON E SIGMUND FREUD.

3.1 Como trabalhar com a infância e a juventude	56
3.2 Aporte de Erik Erikson	57
3.3 Aporte de Sigmund Freud.....	61
3.4 Fases psicosssexuais do desenvolvimento	66
3.5 Ferramentas para o desenvolvimento da prática terapêutica	72

4 PROPOSTAS PARA ENCAMINHAR O PROBLEMA LEVANTADO NESTA PESQUISA.

4.1 Encaminhamento do problema.....	77
-------------------------------------	----

CONCLUSÃO	83
------------------------	----

REFERÊNCIAS	88
--------------------------	----

APÊNDICE A1 - A história de vida da adolescente K. e a imagem que ela faz de Deus.	90
---	----

APÊNDICE A2 – Referências	94
--	----

APÊNDICE B - Narrativas das crianças e dos adolescentes da Congregação Batista em Jardim Cajazeiras: As histórias de vida e a imagem que fazem de Deus.	95
--	----

ANEXO – Artigos 131 e 132 do Estatuto da Criança e do Adolescente	102
--	-----

INTRODUÇÃO

Igreja como comunidade terapêutica para infância e juventude é o tema que será desenvolvido nos três capítulos dessa dissertação. O interesse em escrever sobre ele se deu pelo fato de eu trabalhar, há oito anos, numa congregação Batista e ver a necessidade de um olhar mais atencioso e dedicado a estas faixas-etárias.

O tema é relevante para os nossos dias, pois nos conduz à reflexão sobre o papel a ser exercido por cada membro da igreja. Seja como conselheiro(a), orientador (a) ou como promotor(a) do bem-estar coletivo, o que inclui infância e juventude.

Estou consciente quanto à situação em que se encontram a educação e os jovens do nosso país, no entanto, como educadora, busco nesse Mestrado Profissionalizante o suporte teórico necessário para corresponder adequadamente à situação da infância e juventude da igreja da qual sou membro. Estou certa de que refletir sobre a vocação terapêutica da igreja é também refletir sobre a parcela de contribuição que ela deve dar para que a sociedade seja mais igualitária.

O objetivo deste trabalho é conduzir o leitor a uma reflexão sobre como deve ser a igreja para atuar na sociedade como Comunidade Terapêutica a partir da necessidade de saúde integral do ser humano. A saúde integral, portanto, está intimamente relacionada à plenitude da vida humana, nos níveis individual e coletivo, nas relações harmoniosas com Deus, com o outro e com a natureza criada.

É urgente à igreja Batista desenvolver programas que enriqueçam os relacionamentos e promovam cura. Esse trabalho deve ser desenvolvido pela

liderança da igreja e não se restringirá a meramente apontar o problema de cada indivíduo, mas principalmente ajudar a resolvê-lo.

A nossa maior satisfação é a de vislumbrar a igreja comprometida com o modelo voltado para a integralidade e o crescimento do ser humano. Até porque se pode constatar que o ministério de Jesus Cristo foi promotor da cura e restaurador dos indivíduos em sua integralidade.

Não há porque nos acomodar ante a situação moribunda que a igreja está vivendo nesse período de pós-modernidade. Ela não pode permitir-se ser meramente uma organização social que realiza grandes eventos e shows e que entre os membros os relacionamentos não são satisfatórios; é imperativo que ela dê ênfase ao encontro interpessoal para a celebração da vida abundante doada por Jesus.

As manifestações de solidariedade peculiares ao Corpo de Cristo, que é a Igreja, deram lugar à busca egoísta pelas bênçãos nas áreas emocional e material. É preciso mover ações que promovam qualidade de vida para aqueles e aquelas que acreditam numa possibilidade de mudanças.

Muitas igrejas perderam a visão do seu chamado para serem ambiente de cura. Eu não gostaria de citar nomes, não estou fazendo aqui uma análise de denominações específicas, estou fazendo uma análise geral, e tentando encontrar uma resposta para resolver um problema na denominação da qual faço parte. Não posso mudar o mundo todo, mas posso fazer a minha parte no lugar onde estou, se este trabalho chamar a atenção de outras denominações, isso será um objetivo secundário para mim.

O problema é que, deixando de desenvolver programas que priorizem o fortalecimento dos relacionamentos e programas que ajudem no desenvolvimento da infância e juventude, isso evitará que as igrejas tenham um grande número de membros mal assistidos, não ouvidos, não aconselhados e, conseqüentemente doentes na alma e no espírito.

Preocupada com esta situação atual, fui motivada a desenvolver este trabalho. Coopero para a expansão do Reino de Cristo numa pequena congregação e durante os 8 (oito) anos de trabalho tenho visto jovens com problemas emocionais, espirituais e físicos. Então percebi que a igreja Batista precisa desenvolver um ministério voltado para o modelo deixado por Jesus: servir como uma legítima comunidade terapêutica.

Através desta pesquisa apresentarei uma análise teológica e psicológica que fundamente a prática terapêutica na igreja, para infância e juventude. Citarei alguns critérios e exemplos bíblicos, bem como alguns fundamentos psicológicos e alguns psicanalíticos a partir de Sigmund Freud.

Entendo que nesta geração apenas as igrejas relacionais, i.e., que importam-se com o conteúdo apresentado aos membros e congregados, estarão aptas para atender a demanda de problemas relacionais tão comuns. O tema que estou desenvolvendo nos convida a uma reflexão sobre os paradigmas conservados em nossas igrejas através dos séculos, e as conseqüências desses paradigmas para a saúde integral da infância e juventude.

Destarte, a proposta é dar ênfase ao complexo processo de mudanças que a igreja hodierna deve permitir-se, no sentido de ampliar sua área de atuação sobre a vida das pessoas, hoje apenas espiritual, e transformar-se em ambiente de cura não somente do espírito, mas também do corpo e da alma. O ambiente dessa igreja transformada deve contemplar a valorização da infância e da juventude e o acompanhamento eficaz, ouvindo-as e tratando-as como parte essencial da Igreja Batista como corpo, o corpo de Cristo.

Ao reconhecer a necessidade de saúde integral do ser humano, os líderes contribuirão para a saúde integral de seus liderados. Essa atenção e cuidado estão intimamente relacionados à plenitude da vida humana, nos níveis individual e coletivo, nas relações harmoniosas com Deus, com o outro e com a natureza criada.

Os três capítulos dessa dissertação se desenvolvem da seguinte forma: no primeiro demonstra-se a necessidade de a igreja Batista promover a terapia à

infância e à juventude inseridas numa sociedade secularizada; pontua-se aspectos do contexto pós-moderno, dos estágios psicossociais e os estágios da fé, bem como o desafio da igreja em promover vida abundante.

No segundo capítulo explica-se a missão da igreja como comunidade terapêutica; faz-se um breve histórico sobre a formação da igreja Batista no Brasil e enfatiza-se a questão da missão da igreja. Por fim, no terceiro e último capítulo, a preocupação é de apontar caminhos para o desenvolvimento da prática terapêutica na igreja Batista, apresentando propostas para encaminhar o problema levantado nesta pesquisa.

O nosso desejo é que a partir da leitura deste trabalho, principalmente as pessoas que são integrantes da Igreja de Cristo, possam se sentir despertadas e encorajadas para ajudar outros a desenvolverem uma prática em seus ministérios que priorize, antes de qualquer coisa, a igreja como comunidade promotora e restauradora de relacionamentos.

1 Demonstrando a necessidade de uma Igreja Batista que promova a terapia à infância e juventude inseridas numa sociedade secularizada.

1.1 O contexto pós-moderno

A Igreja Batista é desafiada atualmente a manter-se imune às influências e propostas advindas da sociedade pós-moderna. Esta sociedade que, segundo o professor Raimundo de Lima¹, é marcada pela perda da historicidade e o fim da - grande narrativa - o que no campo estético significou o fim de uma tradição de mudança e ruptura, o apagamento da fronteira entre alta cultura e da cultura de massa e a prática da apropriação e da citação de obras do passado.

Além da tentativa de imunizar-se, constitui-se também desafio para a Igreja Batista, ser capaz de oferecer uma base sólida para a infância e juventude, hoje vitimadas pela competitividade, pelo consumismo desenfreado, pelo utilitarismo, pela perda de referenciais e de valores morais e, principalmente, pela relativização da verdade, conseqüências diretas da era pós-moderna. Esses problemas cada vez mais comuns têm gerado no seio da Igreja Batista indivíduos enfermos emocional, corporal e espiritualmente.

A sociedade está enferma. Muitas pessoas não reconhecem e não praticam potencialmente o amor ao próximo, não conseguem desenvolver relacionamentos saudáveis e profundos. Diariamente assistimos na televisão, nos noticiários, ouvimos nas rádios e lemos nas revistas e jornais sobre os problemas que afligem o mundo.

¹ LIMA, Raimundo de. **Para entender o pós-modernismo**. In: Revista Espaço Acadêmico, n. 35, abr. 2004.

A Igreja Batista não pode calar-se e acomodar-se diante das conseqüências negativas da pós-modernidade, antes deve fortalecer-se e promover, com ferramentas teológicas e psicológicas, a terapia à infância e juventude inseridas nessa sociedade notadamente secularizada. Sobre este assunto, tomei conhecimento de um artigo muito interessante do sociólogo e professor José de Souza Martins. Gostaria de registrar aqui o seu comentário:

A secularização do mundo, desde a Revolução Francesa ao menos, tem sido admitida como um processo inexorável e crescente, constitutivo mesmo da sociedade moderna. Não faz muito, nos meios intelectuais do mundo ocidental, ter uma crença era tido como uma espécie de defeito de caráter, alienação em relação à atualidade própria e inevitável de uma sociedade secularizada. As religiões, de modo geral, recuaram para o âmbito específico da religiosidade praticada como assunto privado. O âmbito do propriamente público e secular, das relações e concepções que asseguram a universalidade dos direitos, ficou relativamente protegido como território imune aos direitos das particularidades.²

As igrejas protestantes e não protestantes a partir dos séculos XVII e XVIII vêm sofrendo as influências do deísmo inglês, do naturalismo francês e do racionalismo alemão. Os seguidores desses movimentos exaltam a razão humana sobre a revelação bíblica, negam a Bíblia, bem como a sua autoridade. Há grande valorização das religiões orientais, das práticas pagãs e conseqüentemente uma grande divulgação e crescimento das mesmas.

O liberalismo teológico deu apoio filosófico à teoria da evolução de Charles Darwin e apoio político ao socialismo marxista. Este liberalismo produziu e produz até os nossos dias um evangelho meramente social, que não dá ênfase às verdades transcendentais, pois os assuntos estudados não ultrapassam a esfera das coisas mensuráveis e verificáveis cientificamente.

A Igreja vem sofrendo também nesses séculos uma pressão mercadológica para apresentar um Cristo do modo mais atraente e convincente e agregar em torno Dele o maior número possível de seguidores. Há uma forte tendência em se moldar um Cristo segundo os padrões modernos. Um Cristo que se adeqüe às idéias e aspirações de cada indivíduo.

²José de Souza Martins **O sagrado e os nós da secularização**. In: caderno Aliás, O Estado de S. Paulo, fev. 2006.

Neste tempo em que os movimentos filosófico-teológicos têm se espalhado rapidamente pelos continentes, recebendo os mais variados nomes, como: secularismo, relativismo, pós-modernismo e pluralismo, as pessoas estão buscando experiências espiritualistas na ioga, na meditação transcendental, nas religiões orientais, no sexo, no misticismo, na música e nas drogas. Por isso é um imperativo que a igreja seja relevante como comunidade terapêutica e apresente o Jesus revolucionário com seus ensinamentos confrontadores e transformadores às crianças e aos jovens, e ofereça acompanhamento qualificado para os seus problemas.

A Igreja não deve modificar a linguagem do Evangelho de Cristo por nele conter aspectos contrários ao pensamento moderno, antes ela deve expor a Palavra de fé e verdade e afirmar-se, pois o que o mundo secularizado procura encontra-se em Jesus e a transcendência pode ser experimentada através da igreja, Seu corpo, através da prática das orações e principalmente na comunhão.

Hoje o que temos visto é uma sociedade oprimida, fragmentada, pessoas ansiosas por cura interior e que buscam soluções em novas formas de espiritualidade. O pluralismo religioso tem se fortalecido ao longo dos anos e muitos movimentos místicos representam uma espécie de “porto seguro” para esta sociedade. Para entendermos o porquê desta desordem, cabe a nós olharmos para o descaso de algumas igrejas, principalmente no que se refere ao exercício do ministério terapêutico de ensino e cura demonstrado por Jesus.

A igreja precisa ser uma comunidade terapêutica a fim de fazer-se presente nos momentos difíceis das pessoas, pois elas encontram no mundo contemporâneo um crescente individualismo e isolamento. Constitui-se num imperativo cuidar, o quanto antes, das crianças e dos jovens, a fim de que, de alguma forma, vislumbremos um futuro diferente dessa atualidade, caracterizada pela aceitação do efêmero, do fragmentário e do caótico.

Uma sociedade acumuladora de bens materiais conduz indivíduos e famílias inteiras a novos pensamentos sobre os valores éticos e religiosos. Em conseqüência, o ser humano é desvalorizado, fica em segundo plano. Hoje é comum valorizar uma pessoa levando em conta, em primeiro lugar, seu status social e o que

ela possui em bens materiais. O psiquiatra, Dr. Augusto Cury, a esse respeito se pronuncia:

Os pais que não ensinam seus filhos a ter uma visão crítica dos comerciais, dos programas de TV, da discriminação social os tornam presas fáceis do sistema predatório. Para este sistema, por mais ético que ele pretenda ser, seu filho é apenas um consumidor em potencial e não um ser humano. Prepare seu filho para ser, pois o mundo o preparará para ter.³

Os relacionamentos se tornam superficiais, falta a verdade e o amor, os envolvidos não conseguem romper com as barreiras, não conseguem se encontrar no olhar e exercer o perdão. As crianças e jovens que crescem imersos num sistema como esse descrito precisam de acompanhamento de seus pais e da comunidade de fé em que estão inseridos. É preciso unir escola, família e comunidade de fé num propósito firme de bloquear essa ação inumana dessa “sociedade do ter”.

Quando o jovem cristão perde o referencial de Cristo e passa a ver as pessoas como concorrentes e inimigas, acontecem dois movimentos: um interno que gera a introspecção e o egoísmo, e o outro externo, quando ele, por deixar de confiar nos outros para compartilhar seus medos e sonhos, é excluído do convívio grupal. O ideal é que reforcemos o ensino de Jesus e o apresentemos como modelo de vida para a convivência em sociedade.

Parece-nos paradoxal vivermos numa era tecnológica, em que a comunicação com o mundo está mais rápida e facilitada, e por outro lado as pessoas ainda viverem o triste drama de se sentirem solitárias. Com a alta competitividade entre os seres, o outro é sempre visto como um mero adversário. Segundo Alberto Gandini⁴, “Hoje, mais do que nunca, compreendemos a necessidade da vida em comunidade, já que a ciência e a tecnologia nos mostram um mundo interdependente e um homem que não pode viver só”.⁵

³ CURY, Augusto. **Pais brilhantes professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 29.

⁴ GANDINI, Alberto Daniel. **La Iglesia como comunidade sanadoara**. Buenos Aires: Casa Bautista de publicaciones, 1989.

⁵ “Hoy, más que nunca, comprendemos la necesidad de la vida en comunidad, ya que la ciencia y la tecnología nos muestran un mundo interdependiente y un hombre que no puede vivir solo” (trad. própria).

A Igreja Batista, inserida na era da pós-modernidade, também se encontra enferma, e, como parte dessa sociedade, não está isenta dos males que advêm sobre todos. O seu maior desafio, talvez, seja o de contextualizar-se para não ser vista como antiquada e que não oferece à sua infância e juventude opções de comunhão para uma melhor qualidade de vida nestas faixas etárias. Entretanto, algo precisa de muita atenção, não incorrer no erro de priorizar a quantidade de membros ou participantes nos cultos em detrimento da tão necessária qualidade de vida, pois este tem sido um grave problema a ser solucionado pela grande maioria das comunidades de fé, intituladas como evangélicas.

1.2 O desafio da vida abundante

Nenhuma igreja pode tornar-se meramente uma organização social que realiza grandes eventos, grandes shows enquanto seus membros encontram-se envolvidos em relacionamentos machucados; uma igreja onde não existe ênfase no encontro com o outro, para que se desfrute a vida abundante doada por Jesus Cristo. No evangelho narrado por João⁶ encontramos uma afirmação do próprio Jesus: "... eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância".⁷

Mas onde está a vida abundante doada por Jesus? Temos visto que as manifestações de solidariedade peculiares ao Corpo de Cristo, a igreja, deram lugar à busca egoísta pelas bênçãos nas áreas emocional e material. Lamentavelmente o quadro atual é o de muitas igrejas que perderam a visão do chamado para serem comunidades terapêuticas, deixaram de desenvolver programas que priorizem o fortalecimento dos relacionamentos ajudando os membros no desenvolvimento dos dons espirituais.

⁶ Os textos bíblicos citados neste trabalho foram extraídos da **Bíblia Sagrada**, traduzidos em português por João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida de 1994, da Sociedade Bíblica do Brasil e da bíblia de estudo das profecias trad. em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev e atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. 1568p.

⁷ HAGEE, John, C, 2001, João 10.10.

Preocupada com esta situação geral, observada, muitas vezes nos discursos de grandes líderes religiosos, que ocupam horários importantes em rádios e televisão, que fui motivada a desenvolver este trabalho de pesquisa. Coopero para a expansão do Reino de Deus numa pequena Congregação Batista, na periferia de Salvador e durante os 9 (nove) anos de trabalho lá desenvolvido, tenho visto muitas crianças e adolescentes com problemas emocionais. Percebi então que esta igreja precisa desenvolver um ministério voltado para o modelo deixado por Jesus: servir! Esse serviço, no entanto, implica o desenvolvimento gradativo de uma legítima comunidade que promova a terapia e a cura dos seus participantes.

1.3 Conceituação

Reconheço minhas limitações para trabalhar com infância e juventude. Porém, vejo que diante dos desafios é que mais pesquisamos, escrevemos, experimentamos e, conseqüentemente, crescemos. Investiguei em alguns dicionários o conceito de infância, adolescência e juventude, termos que serão comuns em todo o corpo da minha pesquisa, no entanto, no dicionário de Psicologia Dorsch, não encontrei nenhuma referência para o termo infância; no Aurélio encontrei o seguinte conceito:

Infância. Psicol. Período de vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo os caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em três estágios: 1ª infância, de zero a três anos; 2ª infância, de três a sete anos; 3ª infância, de sete anos até a puberdade.

Aurélio traz algumas idéias sobre adolescência, vejamos:

[do lat. *Adolescentia*] S.f. O período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos)
2. Psicol. Período que se estende da terceira infância até a idade adulta, marcado por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação, corresponde à fase de absorção dos valores sociais e elaboração de projetos que impliquem plena integração social.⁸

⁸ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Para adolescência, o Dorsch traz o seguinte conceito:

Adolescência 1. [do lat. *Adolescere* = crescer], a idade juvenil de homens e mulheres após a maturidade sexual, mas com a puberdade psíquica ainda incompleta. Período posterior à puberdade com crescente consolidação da personalidade. Adolescência 2. *adolescence*, está no meio entre a idade de criança e a idade madura, abrange, pois, mais ou menos as fases de desenvolvimento da puberdade e juventude.⁹

Dorsch não trata do conceito juventude, antes, faz uma opção por juvenil, observemos: [lat. *Juvenilis* = juvenil], ainda não amadurecido e sexualmente maduro. Por outro lado, Aurélio incorporou o termo e demonstra assim: [do lat. *Juventude*] S.f. mocidade, adolescência.

O que podemos ponderar a partir do exposto acima? Primeiro, que os termos são comuns na língua portuguesa e muito embora diretamente relacionados à Psicologia, no entanto o termo infância não é abordado pelo dicionário correspondente. Outro fator importante é que Aurélio traduz juventude por adolescência. Essa “confusão” do Aurélio é perfeitamente compreensível quando estudamos Philippe Ariès: este faz uma demonstração histórico-sociológica de que esses termos só tiveram um sentido mais particular a partir do séc. XIX.

Será que dois séculos são suficientes para massificar um conceito, de modo que eles fiquem bem definidos na comunidade científica e no inconsciente coletivo? Perguntemos para nossos colegas e familiares se eles sabem a distinção entre adolescência e juventude, por certo seremos surpreendidos. Fiz essa exposição dos conceitos dos termos porque os usarei ao longo da minha pesquisa e considero relevante apresentá-los; segundo porque quis fazer uma comparação e algumas ponderações observando a Psicologia e a língua portuguesa.

⁹ DORSCH, Friedrich (Ed.) **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Trad. De Emmanuel Carneiro Leão e equipe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

Agora pretendo mostrar um histórico sobre a temática infância e juventude através de Philippe Ariès, assim acredito que terei uma visão mais consistente desse período de desenvolvimento do ser humano.

1.4 Aspectos históricos

Tenho feito muitas leituras, muitas anotações, há momentos de estafa, há também belos momentos de descobertas e prazer. Ao ler *História social da criança e da família*, de Philippe Ariès, fiz importantes descobertas sobre o processo de conscientização social, através dos séculos, sobre a temática que abordo.

Ariès mostra-nos, em seu texto, que durante séculos XVI e XIX, o vocabulário da primeira infância surgiu e foi ampliado, mas não havia ainda uma definição para infância, adolescência e juventude. Somente no século XIX, quando a juventude tornou-se um tema literário e uma preocupação política, deu-se início à pesquisa sobre o que pensava a juventude. Nessa época, a juventude surgiu como idade de novos valores capazes de reavivar a sociedade antiga, no entanto, após a Primeira Guerra Mundial, a consciência da juventude tornou-se um fenômeno banalizado.

O autor registra também que, através dos séculos, houve diferentes modos de ver a juventude, no que se refere às idades da vida, pois no século XVII, a juventude era a idade privilegiada, já no século XIX era a infância, mas no século XX todo o privilégio recaiu sobre a adolescência¹⁰.

Para exemplificar, no texto “a descoberta da infância”, o autor traz a informação de que a arte medieval até o séc. XII desconhecia ou não tentava representar a infância. Ariès supõe que esta faixa etária não tinha relevância nessa época, e, ao analisar obras dos séc. IX ao XIII, percebe que as crianças representadas são miniaturas de homens, apenas o tamanho menor as distingue dos adultos.

¹⁰ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC,1981. 1. O sentimento da infância e 2. A descoberta da infância, p. 45-47

Somente a partir do séc. XIII é que surgem alguns tipos de crianças que são mais parecidas com as dos tempos modernos. São eles: o anjo de Reims, um tipo adolescente que seria freqüente no séc. XIV; o segundo tipo foi uma representação do menino Jesus e o terceiro tipo foi a criança nua que surgiu na fase gótica.

É relevante demonstrar para os membros da Igreja Batista a necessidade de eles se ocuparem mais com a questão infância e juventude no sentido de preparar os pais para educação cristã e acompanhamento espiritual de seus filhos. Principalmente porque a família é um elemento reforçador da fé, sendo ela mesma, na maioria dos casos, responsável pela escolha religiosa feita por eles, através do testemunho no lar.

A partir do levantamento histórico de Ariès percebemos que somente após o século XIX houve um olhar mais direto da sociedade para a infância, adolescência e juventude, no que se refere às idades da vida. Percebemos através das pesquisas, que a partir dos séc. XX, a Psicologia deu excelente contribuição para tornar relevantes essas faixas etárias que antecedem a vida adulta¹¹.

Nessa oportunidade de pesquisa, quero registrar o grande avanço social do século XX, no que se refere às iniciativas de ONGs e do próprio governo para dar amparo à criança e à juventude. Como exemplo, faço menção do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA -, criado em 13 de julho de 1990, sob a lei nº 8.069, objetivando proteger integralmente a criança e o adolescente¹².

A partir do ECA, artigo 132, foram criados os Conselhos tutelares que pressupõem ampla participação da comunidade local: associações de moradores, entidades assistenciais, lideranças políticas, religiosas e empresariais, pais, educadores, movimentos comunitários e todos aqueles dispostos a contribuir para a proteção integral das crianças e adolescentes do município.

¹¹ ARIÈS, 1981, p. 51-53.

¹² O Artigo 132 do Estatuto da Criança e do Adolescente poderá ser examinado no final desse trabalho, no anexo I.

Segundo o artigo 131 do Estatuto da Criança e do Adolescente, “o Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, não-jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente”.

Amparados e motivados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente podemos realizar projetos sociais em nossa comunidade de fé, visando o fortalecimento do ser humano. A nossa congregação tem como missão atuar no bairro de Jardim Cajazeiras e prestar assistência ao necessitado, principalmente assistência à infância e à juventude, tratando-os nas dimensões física, emocional e espiritual.

1.5 Os estágios psicossociais e os estágios da fé

Ao ler o texto de Ana Maria Miranda, no qual ela observa a proposta de Erik Erikson sobre a existência de estágios psicossociais no desenvolvimento do ego, e a do crescimento da personalidade durante todo o ciclo vital, percebi que ela centra sua atenção no quinto estágio proposto por Erikson, que é o da adolescência, no entanto reconhece que é importante analisar o ciclo vital que inclui a compreensão da aquisição da identidade e os outros estágios do desenvolvimento¹³.

Miranda destaca que, nas observações de Fowler, a fé constitui-se como uma capacidade inata do ser humano e o desenvolvimento dessa capacidade depende do ambiente em que cresce e é recebido e acolhido no mundo; afirma que as experiências de fé surgirão com o nascimento. Miranda, ao analisar Donald W. Winnicott, destaca que na infância ocorre o processo gradual de formação de uma crença em coisas e pessoas, crença necessária para consolidar a base saudável do desenvolvimento biológico, psicológico e social da criança. Ressalta que o relacionamento mãe x bebê é determinante para que esse desenvolvimento seja saudável.

¹³MIRANDA, Ana Maria Vieira. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência:** perspectiva psicológica. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: São Paulo, 2003. p.59.

É a partir da crença, confiança adquirida na mãe que o bebê desenvolverá relações saudáveis com os familiares e com a sociedade. A autora demonstra que nesse processo de envolvimento emocional entre a mãe e o bebê é desenvolvido o vínculo, esse vínculo é definido por Riviére. Ela salienta que o vínculo interno é fator condicionador de aspectos visíveis da conduta do sujeito.

Através das suas pesquisas em Fowler, Miranda afirma que o vínculo criado entre o recém-nascido e a família é fundamental para formar os referenciais de confiança e lealdade estabelecidos, como o modo de fé partilhado na família. Segundo Miranda é essa relação que irá nortear o comprometer-se do indivíduo com o mundo.

Ainda em Fowler, Miranda observa que o grau de lealdade, confiança, os valores, as crenças, vão se desenvolvendo na criança, na medida em que há um vínculo entre pais e filhos. Dessa forma, a fé deixa de ser meramente teórica, abstrata, para se manifestar no relacionamento; fé é sempre relacional e compromete a pessoa em sua totalidade. É nesse último aspecto de comprometimento que Miranda assinala que a identidade e a fé são moldadas.

Ao introduzir a temática sobre desenvolvimento da identidade no adolescente, Miranda assegura que um aspecto muito importante para essa fase da vida é acreditar no outro. Em Knobel, conclui que nesse momento da vida o estabelecimento da identidade é fundamental. Por fim, é essencial nessa etapa da vida cristalizar o processo de individuação. Já em Fowler, Miranda conclui também que o padrão de nossa fé está relacionado às pessoas, às instituições e causas nas quais investimos confiança e que de alguma forma estamos comprometidos¹⁴.

A autora ressalta que esta fé aqui abordada não se refere à religiosa, mas a fé que está relacionada ao modo pelo qual a pessoa vê a si mesma em relação aos outros num contexto de significados e propósitos compartilhados, como assegura o teórico Fowler.

¹⁴ MIRANDA, 2003, p.90-95.

Em Tillich, Miranda descreve a fé como a força integradora que dá forma e une elementos intelectuais, emocionais e corporais do ser humano. Para ela, nas formas religiosas institucionais, a fé pode achar ou não sua expressão, pois já estamos envolvidos em questões de fé antes de sermos religiosos. Miranda analisa os estágios da fé a partir da proposta de Fowler e destaca nesse trabalho que esses estágios se movimentam de forma ascendente, onde aspectos dos estágios anteriores são resgatados, ampliados e incorporados aos estágios seguintes¹⁵.

2.0 Avaliando a situação

Nesses nove anos de atuação percebo que as crianças não recebem um acompanhamento adequado nesta comunidade de fé. Isso se dá porque a igreja não dispõe de psicólogos, pedagogos, assistentes sociais, tampouco de um pastor com dedicação de tempo integral para atendê-las nas horas em que os problemas surgem. Destaco, no entanto, que há todo um esforço por parte do pastor dessa comunidade de fé, no sentido de oferecer acompanhamento a essa faixa etária, contudo o seu tempo é mínimo para atender a demanda de problemas que surgem semanalmente.

Reflito sobre a condição em que se encontram as crianças e os jovens que freqüentam ou visitam a nossa congregação. Grande parte sofre problemas em seus lares, problemas que se não forem devidamente tratados a tempo, deixarão marcas profundas na história de vida de cada uma delas. Outra questão é que se essas crianças não recebem um acompanhamento adequado nesta comunidade de fé, da qual elas estão integradas, como cumprir, como igreja organizada, a missão curadora de Cristo que é peculiar a ela própria? Eis a minha principal inquietação.

Em nossa congregação, há uma carência de profissionais em algumas áreas do conhecimento, os quais foram citados acima. No entanto, não fazemos dessa carência explícita um impedimento para assistir aqueles que nos procuram, desde os pequenos até os grandes, pois acreditamos que os poucos recursos não podem inviabilizar o projeto de Deus para a vida das pessoas.

¹⁵ MIRANDA, 2003, p.98-100.

Fazemos com muito esforço o possível para proporcionar momentos de comunhão e bem-estar em nossa comunidade de fé. Temos, nas manhãs de domingo, crianças dos 02 aos 10 anos de idade juntas num mesmo espaço de atividades, e oriundas de realidades sociais distintas; se por um lado encontro uma criança às oito da manhã (horário em que se inicia a primeira reunião de domingo) que não teve o prazer de comer sequer um pão ao sair de sua casa, encontramos outras que tiveram o pão, e ainda outras que se alimentaram mais adequadamente.

Côncios dessa situação providenciamos um café da manhã que varia a cada domingo: mingau, pão, biscoito e café com leite ou leite com chocolate em pó para suprir esta necessidade básica e promover um dia diferente para aqueles que tanto necessitam.

Além do problema relacionado à má alimentação, sabemos que a educação é também insatisfatória, não apenas a sistemática, oferecida nas escolas públicas e particulares, mas a educação doméstica, aquela essencial à formação do caráter de cada criança. Falta em muitos pais um comprometimento com questões morais básicas, a realidade social vivida nessas famílias favorece no lar um ambiente emocionalmente frio, agressivo e de palavras que suscitam revolta. Vemos tudo isso refletido no comportamento de algumas crianças durante os encontros que realizamos.

Os jovens, até certo ponto, deixam transparecer através das suas palavras e atitudes, que também vivem num ambiente desfavorável à boa formação de caráter, entretanto, também percebemos um grande esforço em omitir a realidade vivenciada, no que se refere à carência material e afetiva. Temos muitos jovens com baixa auto-estima, com medo da vida e de enfrentar seus problemas mais comuns, insatisfeitos e inseguros.

As crianças e os jovens com os quais lidamos são da periferia de Salvador, alguns deles não têm o privilégio de ver os pais juntos, formando a família, em conseqüência são muitas as dificuldades financeiras, emocionais e espirituais. Tenho consciência de que famílias de classe média também enfrentam problemas

semelhantes, mas estou ligada a um trabalho na periferia da cidade e descrevo a situação a partir dessa realidade.

Em conversas informais os jovens da congregação afirmam que em casa não encontram uma pessoa para conversar e os aconselhar em seus dilemas. Na verdade eles não se sentem à vontade para falar sobre alguns temas ou mesmo questionar. Geralmente é em nós, professores de escolas bíblicas, líderes na comunidade de fé, que eles buscam amparo, compreensão e conselhos. Na igreja já promovemos palestras com uma psicanalista para falar sobre namoro e sexualidade; foi muito proveitoso, muitas dúvidas foram dirimidas através dos bilhetes anônimos, enviados à palestrante.

Noutra oportunidade promovemos um debate, para abordar assuntos referentes a namoro, noivado e casamento. Houve a participação ativa dos jovens e da liderança da igreja. A ênfase sobre estes assuntos é dada a pedido dos próprios adolescentes, e isso é bem compreensível, numa fase da vida em que além da explosão hormonal, há crise de identidade, pressão por parte dos colegas quanto a estar namorando alguém e situações semelhantes a essas, que fazem parte do dia a dia dos adolescentes.

Diante desse quadro, há muita ansiedade por saber e por fazer e infelizmente, em casa eles não encontram espaço acolhedor para abordar esses temas, ainda há muito preconceito a ser vencido. Todos que estamos à frente desse trabalho de acompanhamento de pessoas na igreja procuramos promover o suprimento das principais carências das mesmas, pois sabemos que é enfrentando tabus, sendo questionados e questionando paradigmas que formaremos uma geração transformadora.

Acreditamos que as crianças e os jovens bem ensinados hoje é que ensinarão aos outros que se agregarão ao grupo. A mudança tão necessária será realizada com e a partir da própria juventude. Nesse ponto faço referência a uma frase de Martinho Lutero quando ele diz: “... a libertação do mal deve ser feita pela própria juventude que cresce no conhecimento de Deus...”¹⁶

Temos atualmente um problema com a escola bíblica infantil, pois as pessoas voluntárias que acompanham as crianças quando não desistem da tarefa na metade do semestre, desenvolvem um trabalho limitado em recursos e, principalmente, limitado no conhecimento específico para atender às carências dos grupos. Outro problema está relacionado ao culto infantil, infelizmente não existe ênfase para reservar um dos domingos pela manhã para a realização de um culto com a participação maciça das crianças e dos adolescentes.

As mudanças tão urgentes e essenciais dependem de muitos fatores: pessoal qualificado para lidar com os problemas que surgem, tempo integral do pastor, estrutura física do prédio onde a igreja faz as reuniões, salas espaçosas e ventiladas, sala de som e imagem, verbas para passeios, verbas para lanches antes ou após as reuniões (isso porque muitas crianças e jovens dessa igreja não encontram em seus lares uma alimentação adequadamente regulada).

Essas mudanças, arrojadas para nosso contexto social como Igreja Batista de periferia, são necessárias porque tentam preencher uma lacuna que existe na vida dos integrantes dos grupos em estudo, elas chegam para atender aos interesses pessoais deles, uma vez que em seus lares é muito mais difícil atender a essas carências peculiares à idade.

Com os poucos recursos que dispomos caminhamos lentamente no sentido de atender à demanda que nos chega, entretanto confiamos em Deus e cremos que, trabalhando com responsabilidade e amor, alcançaremos os resultados que tanto sonhamos.

¹⁶ LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal e Concórdia, 1995. v. 5, p. 304-305).

Importante é que a igreja já está tomando consciência de que precisa se tornar efetivamente local para crescimento integral e amadurecimento dos indivíduos, começando pelas primeiras idades e os acompanhando até a vida adulta.

Creio que através de um planejamento responsável e de pequenas, mas relevantes iniciativas dos líderes e dos educadores, conduziremos crianças adolescentes e jovens ao Deus Criador. Ele que é “único e verdadeiro, é espírito pessoal, eterno, infinito e imutável; é onipotente, onisciente e onipresente; é perfeito em santidade, justiça, verdade e amor”.¹⁷

Em meu projeto de pesquisa abordo o tema: Igreja Batista, uma comunidade terapêutica para infância e juventude. Nele trabalharei com afinco, objetivando desenvolver a integralidade humana a partir da infância e juventude, pois tenho visto na teoria e na prática que este deve ser o objetivo principal da igreja na atualidade.

Em razão disso, escolhi, dentre os teóricos que darão suporte à minha pesquisa, o pastor Howard Clinebell, pois, ele defende que a missão da igreja é a de ser um centro de vida em abundância, um lugar em que se liberta, sustenta e potencializa vida em toda a sua plenitude, em indivíduos, em relações íntimas e na sociedade e suas instituições. A partir desse pensamento de Clinebell, encontro um maior reforço para continuar olhando atenciosamente para a infância e juventude e hoje dedicar-me a essas faixas-etárias, a fim de que num futuro bem próximo, tenhamos pessoas saudáveis para amparar as que chegam à nossa igreja.

¹⁷ **DECLARAÇÃO doutrinária da CBB.** In Revista Compromisso. 4. sem. Rio de Janeiro: 2003, p.9.

2.1 A rotina de atividades

Farei um resumo da rotina de atividades direcionadas para a infância e para a juventude, citarei alguns dos eventos que realizamos mensalmente com o intuito de promover o desenvolvimento do sentimento coletivo, da solidariedade social e do espírito de cooperação nos congregados e nos convidados para esses eventos. Quero destacar que esses eventos são organizados e realizados pela congregação, mas que são abertos à comunidade local, o nosso objetivo está centrado em alcançar as crianças e os jovens que vivem no bairro onde a congregação está instalada.

Aos sábados, à noite, das 19:00 às 21:30, realizamos encontros com os adolescentes e jovens, numa programação de louvor. Em alguns desses sábados também são realizadas atividades recreativas/educativas, nominadas de gincanas. Aos domingos, no horário de 8:00 da manhã, servimos um café da manhã para as crianças e jovens que estão presentes para as atividades matinais. Essas atividades são de leitura e estudo sistemático das Escrituras, isso é realizado com um suporte de revistas preparadas para as devidas faixas-etárias.

No dia de quarta-feira acontece, à tarde, um encontro com as crianças e adolescentes do sexo feminino, para uma atividade com o grupo de nome “mensageiras do Rei”, esta atividade visa a confirmação da fé, bem como treinar cada menina para o trabalho missionário em sua escola, sua vizinhança, seu bairro.

Esse grupo também desenvolve a veia artística, treinando e apresentando coreografias, de cunho evangelístico, nos dias de reunião coletiva. Esse é um trabalho belíssimo e merece destaque. Há em nosso planejamento anual de eventos, passeios aos sábados em praias, em parques e zoológicos. Os acampamentos são dois durante o ano; um no período de carnaval, outro no mês dos jovens.

O mês de agosto é dedicado aos jovens e as atividades são intensificadas. Durante os sábados apresentamos programação variada, com palestras e assistência social. Geralmente as palestras envolvem temas como: auto-estima; cuidados pessoais com o corpo/aparência; namoro/ficar; noivado, casamento,

sexualidade. No mês de maio de 2006, por exemplo, realizamos o primeiro encontro anual de namorados e noivos da congregação, aberto à comunidade. Nesse encontro servimos um jantar, foram realizadas algumas dinâmicas de grupo e um palestrante falou sobre a concepção de namoro e noivado no século XXI.

Recentemente, dia 20/05/2006, também num sábado, abrimos as portas da congregação para um evento extraordinário. Vinte e cinco pessoas de outra comunidade de fé integravam o grupo que era formado em parte, por profissionais da área de saúde, nutrição, estética, teologia e psicologia. Iniciamos as atividades às 7:00 da manhã, servimos um reforçado café da manhã para 60 (sessenta) crianças, adolescentes e jovens da igreja e da comunidade local. Conscientizamos sobre a programação do dia, a importância das atividades, bem como de todo o programa até o final da tarde, às 17:00 h.

Formamos grupos por faixa-etária, com as turmas organizadas em salas, iniciamos um trabalho educativo, iniciado com a leitura de um texto bíblico. Os profissionais da área de saúde iniciaram uma palestra sobre cuidados pessoais, culminando na aplicação de flúor, para as crianças de 03 (três) a 12 (doze) anos. Noutra sala, os adolescentes e jovens foram orientados por profissionais da área de nutrição e estética sobre questões de cuidados com a alimentação diária e com a aparência, culminando no tratamento de pele e cabelos da maioria presente.

Após o almoço, realizamos dinâmicas para os adolescentes e jovens, além de uma palestra sobre auto-estima. Finalizamos a programação desse sábado com um culto festivo, de louvor e agradecimento a Deus.

Dia 07/09/2006, realizamos um passeio, num parque aquático numa cidade próxima à capital baiana. Foi um evento para toda a família e para pessoas da comunidade que quisessem participar. As crianças ficaram muito felizes e os pais envolvidos nas atividades e brincadeiras também puderam ter um dia dinâmico e muito proveitoso para a integração mútua com a igreja ali representada. Apesar da chuva valeu a pena.

Dia 15/10/2006 realizamos um dia de festa para as crianças de 03 a 13 anos de idade. A programação elaborada para as crianças da congregação contemplou a veia evangelística, assim convidamos também crianças da comunidade. A programação foi iniciada às 08:00 da manhã, com um café. Depois fizemos uma abertura com histórias bíblicas contadas através de fantoches. Dividimos, em seguida, os grupos por faixa-etária para realização de oficinas. Ao meio dia servimos um almoço, depois retornamos para os grupos e ensaiamos atividades para serem apresentadas no culto das crianças, às 16:30.

O culto vespertino teve a participação de todas as crianças que passaram o dia ali conosco. Após a abertura, cada grupo apresentou alguma atividade para os pais que atenderam ao nosso convite para este momento do culto infanto-juvenil. O encerramento foi às 17:30 e foi bastante emocionante para todos. Através desses mais variados eventos, constatamos nesses 6 (seis) anos de atuação, que a infância e juventude encontram aportes na igreja para fortalecer a personalidade e desenvolver o caráter cristão, além de percebermos o processo de integração mais intensa dos indivíduos no grupo e na própria comunidade local.

As pessoas que são convidadas para as atividades admitem que antes de participar delas, havia certa resistência para entrar numa igreja evangélica, mas através dos eventos, barreiras de preconceitos foram rompidas e elas passam a conceber o ambiente cristão como um lugar agradável e que propicia o fortalecimento de cada um como ser humano, mesmo que, a priori, não professem a mesma fé.

Interessante notar que através dessas atividades muitos jovens passam a freqüentar a congregação e posteriormente assumem um compromisso de fé junto a ela. Temos testemunhos nesse sentido, e a igreja está crescendo. Fico satisfeita em ver os resultados positivos, o que me faz lembrar da igreja descrita em Atos, ela que numa proposta diferenciada de viver em comunhão, também crescia “louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo“. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar”.¹⁸

¹⁸ HAGEE, John, C, 2001, Atos dos apóstolos 2. 41-47.

Os resultados obtidos são bons em dois aspectos: novas pessoas passam a integrar a igreja local, os membros sentem-se motivados a perseverar na fé e a desenvolver mais e melhores atividades, sentindo-se úteis no mundo e atuantes no “Reino”. Sentem-se cumprindo ordenanças básicas de Jesus ao dar testemunho de fé e colaborar para que outras pessoas encontrem o porto seguro que é Jesus Cristo.

2.2 A perspectiva

Diante desses fatos tão concretos e presenciados por mim, fortaleço minha convicção de que é um imperativo que a igreja Batista seja uma comunidade terapêutica para infância e juventude. Ressalto que todas as atividades até aqui descritas e tantas outras que não mencionei, são frutos de muito trabalho, muita fé, coragem, determinação. Trabalhar com vidas carentes, numa comunidade carente, dispor de recursos ínfimos, não é uma tarefa fácil, no entanto, reconheço que todos nós temos um compromisso social e espiritual enquanto crentes em Jesus. Reflitamos no que Gandini diz: “vivemos em sociedade e temos de reconhecer que adoecemos e curamos em grupo”.¹⁹

A partir desta pesquisa pretendo colaborar para a consolidação das atividades que já são desenvolvidas na Congregação. Ajudar outros líderes a desenvolverem uma prática em seus ministérios que priorize, antes de qualquer coisa, a igreja como comunidade promotora e restauradora de relacionamentos, pois ao propiciar um ambiente de comunhão, amor, serviço e crescimento mútuo, a igreja caminhará no sentido de cumprir sua vocação terapêutica.

Na Bíblia, há um incentivo constante à comunhão, principalmente nos textos em que está presente a expressão "uns aos outros", esta expressão denota reciprocidade e tem a ver com o relacionamento, tanto para gerá-lo, como para restaurá-lo e até mesmo protegê-lo dos possíveis problemas. A nossa Congregação sendo promotora de um ambiente em que seja possível construir relacionamentos saudáveis estará à frente para se tornar fonte de respostas às crianças e aos jovens que vivem sob a influência de uma sociedade secularizada.

¹⁹ GANDINI, 1989, p.9

Meu objetivo maior, como educadora, é o de realizar um trabalho de treinamento das pessoas vocacionadas para o ministério com crianças, adolescentes e jovens. Pretendo incentivá-las para que desenvolvam esta tarefa da melhor forma possível.

Vejo que o treinamento as capacitará nessa missão. O ponto de partida será a questão teórica trabalhada por faixa etária, pois conhecer o processo de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes se constitui uma questão imprescindível para lidar mais conscientemente com elas. Durante e após o treinamento teórico, estaremos, na prática, descobrindo as habilidades e competências peculiares a cada monitor e a cada monitora, direcionaremos as atividades cuidadosamente na perspectiva de que o resultado confirmatório e evangelístico para o público-alvo sejam alcançados.

Pretendo, também, treinar conselheiros para infância e juventude, pois entendo que o conselheiro cristão é fundamental nos momentos de crise que porventura uma criança ou um jovem enfrente. Todo conselheiro e toda conselheira terá como seu exemplo maior e referencial para a prática de aconselhamento a pessoa de Cristo, isso porque Ele em sua caminhada e convívio com seus contemporâneos fez uso de várias técnicas de aconselhamento; a aplicação de cada técnica dependia da situação em que a pessoa se encontrava. Ele a ouvia, a ensinava, a encorajava e a apoiava, embora também a confrontasse e a desafiasse.

Nesse trabalho comprometo-me oferecer à infância e à juventude da igreja em que atuo, uma opção cristã para interagir na sociedade. No entanto, não posso admitir e permitir como educadora e evangelista, que as crianças e jovens percam o referencial da vida abundante com Jesus. Constitui-se missão da igreja batista preparar educadores/monitores para conduzir as crianças e jovens no caminho perfeito de Jesus Cristo. Não podemos nos conformar com este século se queremos experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus²⁰.

²⁰ HAGEE, John C, Romanos 12.2.

2 Explicando a missão da Igreja Batista como comunidade terapêutica para infância e juventude.

2.1 Origem do termo Igreja e a missão dela no mundo

Numa linguagem comum, o vocábulo igreja tem um significado muito amplo; pode ser aplicado ao edifício em que se realiza o culto cristão, a uma congregação de adoradores ou a um estabelecimento religioso; porém, quando abordamos o tema “A Missão da Igreja”, referimo-nos a um termo mais específico, comumente encontrado nos textos do Novo Testamento; igreja como um grupo de discípulos cristãos associados num pacto com propósitos religiosos.

A palavra igreja, do grego “ekklesia”, admite, em primeira análise, a tradução para “assembléia”, “reunião”, “congregação”. Deriva-se do vocábulo “ek-kaleo”, que se empregava para a convocação do exército para reunir-se; de Kaleo, então, “chamar”. No Novo Testamento a palavra “ekklesia” surge como “o evento através do qual Deus cumpre sua eleição através da chamada pessoal, (...) por esta razão, pode-se falar dos ‘kletoi’, ‘os chamados’, ao se referir à comunidade cristã primitiva¹”.

Traduzida, em segunda análise, por “igreja”, significa “chamados”, sendo usada para indicar um grupo que foi chamado de dentro de um ajuntamento maior e geral, em virtude de uma vocação divina, escolhidos para serem santos e incumbidos dos deveres de cidadania no Reino de Cristo².

¹ BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). [trad. por Gordon Chown]. **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 984-993.

² MEKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1983.

Por esse motivo, entendemos como “igreja cristã”, um grupo de pessoas divinamente chamadas e separadas, pessoas comprometidas com a preservação dos valores e proposta de vida ensinados por Jesus, pessoas batizadas sobre profissão de sua fé em Cristo, unidas sob pacto para o culto e a diaconia cristãos.

Dentro desta linha de pensamento, podemos classificá-la em Universal e Local. Ao conjunto de todos os salvos, de todas as épocas e lugares, independentemente de denominação, a denominamos como Universal. Aos crentes numa determinada região, sendo parte pequena da igreja universal, nominamos de local.

Na Declaração doutrinária da Convenção Batista Brasileira, encontramos um sentido para igreja em que ela aparece como:

a reunião universal dos remidos de todos os tempos, estabelecida por Jesus Cristo e sobre ele edificada, constituindo-se no corpo espiritual do Senhor, do qual ele mesmo é a cabeça. Sua unidade é de natureza espiritual e se expressa pelo amor fraternal, pela harmonia e cooperação voluntária na realização dos propósitos comuns do reino de Deus.³

Todos os crentes têm a missão de testemunhar as maravilhas de Deus através da adoração, do anúncio do Evangelho, e do cuidado com as pessoas. Adorar e glorificar a Deus em espírito e em verdade, atendendo às necessidades dos membros, fortalecendo e edificando a todos⁴.

Anunciar o Evangelho e o seu poder é contribuir para o aumento de salvos. Ganhar vidas é a maior missão da Igreja, não é a única. Os frutos da evangelização devem ser cuidados e preservados para se tornarem também novos influenciadores de vidas. Daí a importância de trabalhar com a infância e juventude no que se refere à confirmação da fé⁵.

³ **DECLARAÇÃO doutrinária da CBB.** In Revista Compromisso. 4. sem. Rio de Janeiro: Juerp, 2003, p.9-18.

⁴ HAGEE, John, C. **Bíblia de estudo das profecias.** trad. em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. Barueri, SP: Sociedade bíblica do Brasil, 2001. 1568p. João 3.23,24; Atos 13.1-3; Efésios 3.14-21;4.11-16; Gálatas 4.19,20; II Pedro 3.18.

⁵ HAGEE, 2001, Atos 1.8; Mateus 28.18-20.

A tarefa da Igreja deve ser executada até o retorno de Cristo, persistindo no tempo e enfrentando corajosamente as adversidades sociais, visto que é possuidora de um ministério singular e insubstituível para o mundo hodierno. Jesus disse que a Igreja é o sal da terra e luz do mundo. Pelo testemunho constante ela deve dar a conhecer o que Deus requer do homem e da mulher, bem como da necessidade do arrependimento. Foi com esta finalidade que o mesmo Deus fez de Seu povo os guardiões de Sua verdade⁶.

O trabalho que pretendo desenvolver mais sistematicamente a partir dessa pesquisa é o de trabalhar a infância e juventude, a fim de que a mudança que tanto espero aconteça inicialmente a partir dos membros menores – crianças e jovens - e, assim, gradativamente alcance os adultos. Acredito que se os pequenos, desde já, pensarem em igreja como comunidade terapêutica, juntos promoveremos a cura interior, atenderemos o ser humano tanto em seu emocional, quanto no espiritual, e em todas as faixas-etárias seguintes.

A Igreja deve mostrar a Palavra da vida para as pessoas e batalhar pela verdade, e consolidação da fé nos corações dos crentes, isso vem corroborar a opinião do valor e propósito da Igreja sobre a face da terra hoje. Um aspecto relevante relacionado à fé é que, no momento da dificuldade, aquele ou aquela que a possui sabe onde buscar amparo e refrigério; sabe também a quem deve entregar suas dores e conflitos.

Ao conversar com uma adolescente de inicial K, de 13 anos⁷, sobre a história de vida e a imagem de Deus fiquei impressionada, pois em sua narrativa percebi que seu crescimento espiritual se deu principalmente quando ela, aos 8 (oito) anos de idade, passou por problemas psicológicos, então foi na busca por amparo nos braços de Deus que ela conseguiu sair dos problemas.

⁶ HAGEE, 2001, Mateus 5.13-16; II Tessalonicenses 5.19; Gálatas 2.7.

⁷ A descrição da conversa pode ser vista no apêndice A1.

Após a experiência com a jovem K. fui motivada a conhecer melhor e registrar a história⁸ de vida e a imagem de Deus de algumas crianças e alguns jovens da nossa Congregação, para, a partir das necessidades relatadas, criar estratégias e ajudá-los em suas dificuldades. A missão da igreja é proclamar o reino de Deus aqui na terra e nesse trabalho de pesquisa a ênfase é cuidar primeiramente da infância e da juventude. O próprio Jesus Cristo ensinou aos seus discípulos que das crianças era o Reino dos céus e que qualquer adulto, para entrar nesse reino, deveria se tornar como criança⁹.

Na vida do povo que crê em Deus e faz a Sua vontade, percebemos a presença do Senhor junto a este povo, confortando-o, principalmente nas horas mais difíceis. Encontramos relatos nos Evangelhos sobre o ministério de cura, de restauração e de solidariedade desenvolvido por Jesus para com os excluídos do convívio social, o seu amor por estas pessoas as reintegrava à vida em sociedade. Vejo que temos testemunhos suficientes na bíblia e em nosso convívio para apresentar às crianças e aos adolescentes de hoje uma oportunidade de vida abundante.

A Igreja, desde o seu nascimento foi chamada a ser como Jesus, seguindo os seus passos e dando continuidade ao seu ministério libertador. O Novo Testamento apresenta as características essenciais da igreja de Jesus Cristo: ser misericordiosa, amorosa, acolhedora e solidária. Dessa forma ela seria vista não somente como mais um grupo de pessoas crentes nas doutrinas de um grande homem, mas como uma comunidade terapêutica, comprometida com a restauração das crianças, adolescentes, jovens e adultos.

A igreja local deve comprometer-se com a saúde integral de seus membros, e não apenas com sua vida espiritual. Como canal da bênção de Deus, a Igreja é capaz de promover a libertação do indivíduo para uma vida plena. A igreja de Cristo deve ser, portanto, lugar das várias manifestações terapêuticas de Deus para o ser humano.

⁸ As narrativas completas podem ser vistas no apêndice B.

⁹ HAGEE, 2001, Mateus 19.14; Mateus 18.3.

Não raro, vemos em nossas congregações membros com os mais diversos tipos de enfermidades e sofrimentos. Diante disso, precisamos abrir os olhos e os corações, sermos sensíveis a esta realidade, procurando auxiliar as pessoas que estão próximas a nós, que se sentam ao nosso lado nas reuniões, e não percebemos suas necessidades. Como comunidade terapêutica, façamos um esforço para promovermos a cura interior, atendendo o ser tanto em seu emocional quanto no espiritual.

Compreender o termo Igreja, partindo de uma visão estritamente bíblica, significa Corpo de Cristo, e este corpo é formado por pessoas que possuem o Espírito Santo, bem como os dons distribuídos por Ele, com a finalidade de capacitar o crente para a boa obra. Ela se constitui como uma comunidade unida por uma aliança com Deus, o Criador de tudo, com o Filho e com o Espírito Santo. Por isso, ela pode atuar num mundo grandemente necessitado¹⁰.

Ao propiciar um ambiente de comunhão, amor, serviço e crescimento, a igreja caminhará no sentido de cumprir sua vocação terapêutica. No cuidado ao semelhante percebe-se o compromisso de cada um com os ensinamentos de Jesus Cristo; ele nos deixou o maior exemplo de atendimento aos mais necessitados e de como amparar a todos que o buscavam. Os ensinamentos de Cristo nos convida ao relacionamento harmonioso e ajuda mútua.

A igreja tem a missão de fortalecer relacionamentos, visto que nesta geração apenas as Igrejas relacionais estarão aptas para atender a demanda de problemas relacionais tão comuns.

¹⁰ CLINEBELL, H. **Aconselhamento Pastoral: Modelo Centrado em Crescimento e Libertação**. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 61.

O professor Josias Pereira, num artigo publicado em 1992,¹¹ afirma que a missão da igreja é a de libertar os seres humanos de suas amarras e as doenças são verdadeiras amarras que escravizam e submetem as pessoas. A igreja local deve comprometer-se com a saúde integral de seus membros, e não apenas com sua vida espiritual. O homem é um ser formado por corpo, alma e espírito. Como canal da bênção de Deus, a Igreja é capaz de promover a libertação do indivíduo para uma vida plena. A igreja de Cristo deve ser, portanto, lugar das várias manifestações terapêuticas de Deus para o ser humano.

Para sermos justos neste trabalho, reconhecemos as limitações e deficiências que existem nas igrejas, mas não pretendemos generalizar as nossas críticas, visto que inserida numa sociedade secularizada e relativizada, elas são potencialmente uma opção para os relacionamentos terapêuticos.

Nem mesmo a família tem oferecido um ambiente de ajuda e alívio para as tensões do dia-a-dia, as esperanças de muitos têm se canalizado para as igrejas locais. Nelas as pessoas procuram suporte para o desenvolvimento da auto-estima, lá são acolhidas, tocadas e, sobretudo valorizadas. As igrejas promotoras de um ambiente em que seja possível construir relacionamentos saudáveis estarão à frente para se tornarem fontes de respostas nessa sociedade secularizada.

Desenvolver a integralidade humana deve ser o objetivo da igreja. Em razão disso, Clinebell defende que "a missão da igreja (...) é ser um centro de vida em abundância, um lugar em que se liberta, sustenta e potencializa vida em toda a sua plenitude, em indivíduos, em relações íntimas e na sociedade e suas instituições".¹²

¹¹ PEREIRA, Josias. **A função terapêutica na e da comunidade cristã.** In Caminhando: revista Teológica da Igreja Metodista, 1992. p. 29-36.

¹² CLINEBELL, 1987, p.107.

Para que a igreja seja uma comunidade terapêutica é necessário receber bem a crianças, jovens e adultos que se dirigem a ela em busca da solução de seus problemas; esta igreja deve estar sensível à dor e sofrimento dessas pessoas e se empenhar para escutá-las, compreendê-las e aceitá-las. Enquanto aos membros, podemos citar que a prática de confissão, como ensina na epístola de Tiago¹³, “Confessai as vossas culpas uns aos outros, e orai uns pelos outros, para que sareis” constitui-se um recurso poderoso para promover a saúde emocional e espiritual.

A prática do perdão na igreja deve ser um exemplo, o perdão traz saúde à pessoa que carrega um sentimento de culpa de uma forma recompensadora. Outra prática muito eficiente é o contato físico, como um abraço e um aperto de mão; o toque é tão essencial que promove a cura ao enfermo. Daí a grande missão da igreja que é a de levar os fiéis a Cristo através do ministério da pregação mas, sobretudo exercitar a compaixão, a solidariedade e a cura, atendendo assim, o ser em sua totalidade: o físico, o espiritual e o emocional.

2.2 Breve histórico sobre a formação da igreja Batista

Considero relevante apresentar um breve estudo sobre a formação do povo Batista, bem como a história de formação da Congregação em Jardim Cajazeiras, Salvador-Bahia, haja vista a pesquisa ter como objeto de estudo as crianças e adolescentes dessa referida Congregação.

Os batistas inicialmente eram conhecidos como anabatistas e tinha como mais célebre líder Meno Simons. Ele unificou pela pregação, os perseguidos e novos conversos numa grande irmandade que recebeu o nome de “Menonitas”. Somente em 1611 é que foi fundada em Londres, a primeira Igreja Batista ou Anabatista da Inglaterra¹⁴.

¹³ HAGEE, 2001, Tiago 5.16.

¹⁴ NICHOLS, Robert H. **História da igreja cristã**. 9. ed. São Paulo: CEP, 1992.

Os anabatistas tinham como objetivo, organizar sociedades de cristãos convertidos, em bases voluntárias; seguiam os ensinamentos do NT, particularmente o Sermão do Monte; todos os seus membros deveriam viver segundo o Evangelho; não iriam à guerra, nem exercer cargos civis; cultivariam o companheirismo entre si; sustentavam que a Igreja é uma comunidade de pessoas regeneradas, convertidas; o batismo só deveria ser ministrado aos adultos; os que se filiavam a esta sociedade, receberiam um novo batismo, pois o da infância era destituído de significação; se separaram das igrejas reformadas porque todas elas eram reconhecidas pelo estado.

Do século XVII aos nossos dias, muitas modificações foram feitas no sentido de aperfeiçoamento do pensamento batista, no entanto dentre esses itens citados acima dois não foram mantidos: 1- não ir à guerra, 2- não exercer cargos civis; os demais continuam sólidos nos ensinamentos transmitidos nas igrejas batistas.

No Brasil, a fé batista chega através do missionário norte-americano Thomas Jefferson Bowen, em 1860. Neste ano, o missionário aportou na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil. O pastor Bowen foi enviado ao Brasil pela associação de igrejas batistas do Sul dos Estados Unidos. Sua missão era organizar uma igreja de língua inglesa para os imigrantes americanos e trabalhar entre os escravos. Infelizmente o pastor foi impedido pelas autoridades brasileiras de propagar uma mensagem cristã distinta dos ensinamentos da igreja católica, até então a religião oficial do país.

Com a Guerra de Sucessão (1859-1865), entre os estados do Norte e do Sul dos EUA, milhares de imigrantes americanos vieram para o Brasil a partir da segunda metade do século passado, em busca de paz e prosperidade. Como em sua maioria os colonos eram de formação protestante, houve então uma explosão missionária no Brasil. Dessa forma, as igrejas batistas foram se estabelecendo no território brasileiro, atravessando mares, desbravando matas, abrindo estradas e alcançando muitas vidas sedentas por salvação em Cristo.

Em Salvador – BA, a primeira Igreja Batista do Brasil, foi organizada em outubro de 1882, por Zacharias Taylor e outros missionários. Ela está localizada na Avenida Antônio C. Magalhães.

A Igreja Batista da Proclamação, da qual sou membro, foi organizada em 15/11/1963 sob a direção do pastor Josué Costa. Hoje, sob a direção do Pastor Geraldo Guimarães, esta igreja possui 1.064 membros distribuídos em suas 6 congregações, sendo que a grande parte está concentrada na própria Sede, no bairro de Pau da Lima.

Duas Congregações são situadas nas cidades de Santo Amaro e Água Fria; quatro nos bairros de Pau da Lima, Colina Azul, Vila Canária e Jardim Cajazeiras, na cidade de Salvador, sendo que esta última constitui-se objeto da minha pesquisa com infância e juventude. O nosso trabalho missionário nessa Congregação começou em 1997; para nossa alegria hoje já temos 50 membros batizados e 52 congregados, 15 crianças, 11 adolescentes e 22 jovens.

Como membros de uma organização batista, primamos pelos princípios que norteiam a maioria dos cristãos batistas no mundo, desde o surgimento na Inglaterra, no século XVII. No século XIX, Charles Spurgeon e John Clifford, pautados na máxima batista do espírito de liberdade, já apregoavam a palavra de forma distinta, evidenciando a diversidade presente no meio batista.

No século XX, por exemplo, havia grupos identificados como fundamentalistas e outros identificados como liberais¹⁵. Dentre os fundamentalistas podemos citar J. Frank Norris e dentre os liberais, Walter Rauschenbusch, o pai do evangelho social.

Mesmo sendo distintos em alguns pontos, os batistas compartilham convicções comuns, dentro de um perfil que os caracteriza historicamente como povo batista.

¹⁵ SHURDEN, Walter B. **Quatro frágeis liberdades**: resgatando a identidade e os princípios batistas. 2005, p.18.

Admitem a bíblia como única autoridade em todos os assuntos de fé e prática; a fé constitui-se um compromisso livre com o Deus todo poderoso através de Jesus Cristo; a igreja - que adota o modelo de governo congregacional - convocada em assembléia geral, sob o senhorio de Cristo, governa-se a si mesma, é capaz de elaborar estratégias para ação missionária e de escolher seus ministros bem como outros oficiais; reconhecem que toda igreja local é livre, por isso rejeita qualquer tipo de interferência do Estado em suas atividades religiosas. Crêem que a membresia é totalmente responsável pela proclamação do evangelho no mundo.

A congregação Batista da Proclamação em Jardim Cajazeiras, é filiada por intermédio da Sede, à Convenção Batista Brasileira, que traz uma declaração doutrinária para o povo batista a ela filiado. A Declaração¹⁶ contempla temas relevantes que norteiam o pensamento batista, dentre eles temos:

- a) Escrituras Sagradas; Deus e sua Trindade; homem; Pecado e Salvação;
- b) Regeneração; Justificação; Santificação; Glorificação e Eleição;
- c) Reino de Deus; A igreja; o Batismo e a Ceia do Senhor;
- d) O Dia do Senhor; o ministério da Palavra; Mordomia; Evangelização e Missões;
- e) Educação Religiosa; liberdade religiosa; Família; Ordem Social; Morte e a questão dos Justos e dos Ímpios.

Inspirada por todos esses temas da Declaração, mas principalmente aos de Evangelização e Missões, Educação religiosa, Batismo, família e Ordem Social, percebo que a minha missão como cristã batista é a de trabalhar com infância e juventude para que no futuro bem próximo tenhamos grandes líderes testemunhando as maravilhas do Reino de Deus.

¹⁶**DECLARAÇÃO doutrinária da CBB.** In: Revista Compromisso. 4. sem. Rio de Janeiro: Juerp, 2003, p.9-18.

Historicamente, as igrejas batistas se ocupam em manter como prioridade o ensino das Escrituras e a confirmação da fé através do batismo. Em perfeito acordo com a orientação dada por Jesus aos discípulos: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho ordenado¹⁷”. Nesses tão relevantes aspectos, a Declaração doutrinária da Convenção batista brasileira afirma:

O ministério docente da igreja, sob a égide do Espírito Santo, compreende o relacionamento de Mestre e discípulo, entre Jesus Cristo e o crente. Sendo a Palavra de Deus o conteúdo essencial e fundamental nesse processo e no programa de aprendizagem cristã. Cabe às igrejas cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesiástico, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e desempenho de suas tarefas no cumprimento da missão da igreja no mundo.¹⁸

A confirmação da fé se dá publicamente, através da profissão de fé dada diante da assembléia, essa profissão precede o batismo. O candidato ou candidata contará como conheceu o Evangelho, qual o conceito e convicção que tem de sua salvação pessoal através do plano de salvação de Jesus Cristo. Este deve ser o Salvador único e suficiente. Somente após esse testemunho é que o candidato ou candidata estará em condições de assumir o compromisso com a igreja local e cumprir com as exigências da mesma.

As igrejas batistas crêem e ensinam que o batismo foi estabelecido pelo próprio Senhor Jesus, que se constitui uma ordenança da igreja e a sua natureza é simbólica, devendo ser ministrado por imersão. O batismo, condição essencial para ser membro de uma igreja batista, simboliza morte e sepultamento da velha natureza humana e a ressurreição para uma vida nova em Jesus Cristo. Obrigatoriamente deve ser ministrado sob a invocação da trindade.

¹⁷13 HAGEE, 2001, Mateus 28.19-20.

¹⁸DECLARAÇÃO doutrinária da CBB, p.9-18.

Compreendo que o batismo e a educação cristã são prioridades para confirmação da fé, ambos acompanham o indivíduo por toda a vida. Através do batismo, o crente se identifica como membro da igreja local e nela pode participar das discussões e decisões que são necessárias para o bem-estar da coletividade, além de poder exercer ministérios específicos como o pastorado¹⁹.

Por outro lado, a educação cristã, desde os primeiros anos de vida é de responsabilidade da família e da igreja em que a família congrega. Nas igrejas batistas há um programa para crianças, adolescentes, jovens e adultos. Dessa forma, entendemos que a educação cristã se dá de forma continuada, atendendo todas as faixas-etárias.

Segundo a professora luterana, Edla Eggert²⁰, a educação continuada, debatida no meio acadêmico, é emprestada ao campo religioso e quem é responsável pelos ensinamentos cristãos luteranos faz uma releitura dessa experiência educacional. Quem é responsável nem sempre é que teve formação, por isso mesmo há muitos cursos, encontros, estudos bíblicos e reuniões de estudo. Para ela, as palavras educação e formação não garantem a condução e a solução da questão como fazer a educação cristã. Edla Eggert propõe uma processualidade nos modos de aprender nos campos da educação cristã.

Como educadora cristã, em minha comunidade de fé, concordo com a professora Edla quando ela sugere mudanças principalmente em criar um currículo pertinente à realidade em que vive cada comunidade. Assim, um programa de educação cristã criado para o sul do país, não necessariamente deverá ser seguida à risca pelos nortistas. Assim como a professora, entendo que as experiências são relevantes e que devem constar na elaboração e reformulação do currículo local.

¹⁹ O capítulo XI da Declaração doutrinária da CBB (Convenção Batista Brasileira) refere-se ao ministério da palavra. Nesse item há o reconhecimento de que todos os crentes foram chamados para testemunhar, entretanto, Deus escolhe certos homens para o ministério da palavra. Para os batistas, o pregador –pastor- é um porta voz de Deus e deve possuir as qualificações instituídas nas Escrituras para o seu exercício.

²⁰ EGGERT, Edla. Entre heranças e desafios no campo da educação contínua: crianças, jovens e adultos. In: MARTINI, Romeu Ruben (Org.). **Batismo e educação cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 29-34.

Cabe ao sistema educacional no campo religioso confessional atentar para alguns aspectos relevantes quando da estruturação do currículo: Observar e respeitar a cultura local, nível intelectual e poder aquisitivo; averiguar as condições do espaço físico; dar suporte didático e autonomia aos professores e, sobretudo, ouvir os anseios dos integrantes do grupo, suas dificuldades e expectativas.

A partir dessas iniciativas significantes, creio que é possível atender de modo eficaz ao grupo e os objetivos da educação religiosa. Entendo que a proposta da educação cristã não pode ser um fardo, uma obrigação, uma espécie de martírio para as pessoas envolvidas no processo – educador e educando - mas uma oportunidade para crescimento pessoal e desenvolvimento da maturidade cristã. O currículo obrigatoriamente deverá priorizar as pessoas. Elas precisam ser ouvidas e atendidas em suas reais necessidades.

Como vimos anteriormente, no capítulo XIV da declaração doutrinária da CBB, que contempla a educação cristã, há claramente a afirmação de que as igrejas têm o dever de cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesiástico, bem como motivação e capacitação sua para o serviço cristão e desempenho de suas tarefas no cumprimento da missão da igreja no mundo. Assim sendo, seria uma incoerência impor um programa desmotivante, que não dá voz aos envolvidos.

Sou professora de uma classe para jovens, na igreja batista; nela tive uma experiência muito interessante, quando resolvi, num dos nossos encontros, não trabalhar com o tema proposto para aquele dia. Ao invés do programado, propus uma dinâmica em que todos os presentes puderam escrever numa folha de papel e depois expor suas respostas a cinco perguntas sobre a EBD (Escola Bíblica Dominical)²¹.

²¹ Os batistas brasileiros, filiados à CBB (Convenção Batista Brasileira) entendem que o domingo é o dia do Senhor, em virtude de haver Jesus ressuscitado nesse dia. Destarte, deve ser um dia de real repouso em que, pela frequência aos cultos nas igrejas e pelo maior tempo dedicado à oração, à leitura bíblica e outras atividades religiosas eles estarão se preparando para “o descanso que resta para o povo de Deus”, segundo o que diz no apocalipse de João, capítulo 14.12-13.

Escrevi no quadro: O que significa a EBD? Qual a missão (objetivo) da EBD? Quais dificuldades você enfrenta para comparecer à EBD? Quais sugestões você dá para vencer essas dificuldades? O que pode ser feito para minimizar o problema de evasão na EBD? Fiz uma breve introdução sobre a problemática que as igrejas evangélicas vêm enfrentando nos últimos anos no que se refere ao pouco interesse dos seus membros por esses encontros matinais, bem como da evasão nas classes; tanto de crianças, como de jovens e dos adultos. Enfatizei que o problema estava instalado, mas que deveria ser resolvido o quanto antes.

Após refletirem sobre suas próprias experiências, eles passaram para o papel e, após alguns minutos, nos sentamos em círculo e debatemos a questão, partindo das dificuldades individuais.

Houve unanimidade no que se refere à relevância da EBD e o potencial dos professores que nela trabalham voluntariamente. Quanto às dificuldades, elas foram diversas, cada um falou a partir de si mesmo. Elas envolviam desde questões familiares às questões pessoais como: trabalho e escola todos os dias da semana, cansaço físico e o próprio sono. Outros falaram da rotina dos domingos e até do horário e local para a realização da EBD.

Sugeriram que em alguns domingos a EBD seja realizada em um dos parques da cidade de Salvador; noutro domingo, sair pelas casas fazendo visita nas casas dos alunos que se ausentarem por duas semanas consecutivas; quando a reunião for realizada nas instalações da igreja, que haja divisão na classe para formar grupos de estudo, tornando assim mais dinâmico o momento juntos. Por fim, alguns falaram em orar mais pelas pessoas que não valorizam a reunião de EBD e ao visitar estas pessoas, explicar a importância da aprendizagem nesse tipo de atividade criada pela igreja local.

A partir dessa análise em grupo ratifiquei a minha crença de que na composição de um programa de EBD devemos dar voz aos indivíduos nele envolvidos. Vejo que é necessário examinar as opiniões e acatar aquelas que realmente contribuirão para o crescimento de todos. Creio que, de agora em diante,

o nosso objetivo de combate à evasão será mais facilmente alcançado, através das alterações que iremos fazer.

2.3 – Conceitos sobre terapia e comunidade terapêutica

Muito se tem ouvido falar nesses últimos tempos sobre “terapia”. Daí derivam-se os termos terapia de grupos, terapia de casais, terapia individual, dentre outras. Interessante notar que este termo, antes restrito aos consultórios psicológicos e psicanalíticos, hoje se faz presente no meio do povo. Nos escritórios, nas fábricas, nas escolas, nas faculdades, na família, em suma, onde há pessoas, vez por outra se ouve falar em terapia.

É claro que o conceito popular para terapia é construído de forma simples, terapia é entendida como uma espécie de sessão sob orientação de um profissional devidamente treinado pela qual uma pessoa com algum problema de ordem emocional passa. Este termo tornou-se popular e vem alcançando os mais distintos seguimentos que lidam tanto com o ser humano quanto com o seu tratamento emocional, assim não poderia estar longe da realidade da igreja, comunidade tão empenhada na recuperação de vidas nestes últimos séculos. Neste trabalho, este termo também se faz presente, portanto, é relevante defini-lo mais precisamente dentro do âmbito da Psicologia, assim teremos um esclarecimento mais científico e mais confiável.

Constatamos que, ao investigarmos cientificamente o conceito popular para terapia, ele se amplia e nos dá uma visão muito mais consistente do que de fato o termo significa. Peter Stratton informa que terapia é o tratamento de um indivíduo por meios físicos ou psicológicos; ressalta que se aplicado a tratamentos psicológicos, o termo implica que o cliente está enfermo e precisa ser curado²². Stratton define terapia como o processo de tratamento do comportamento anormal pelo emprego de técnicas de condicionamento, a fim de modificá-lo.

²² STRATTOON, Peter. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1994, 231.

Busco na psicanálise uma resposta para terapia, afinal, em que consiste terapia nessa ciência? O criador da psicanálise, Sigmund Freud empreendeu esforços, desde os seus primeiros documentos publicados, para entender os aspectos obscuros e inatingíveis da mente humana e a partir dessas descobertas, aplicar as práticas terapêuticas.

A princípio ele se compromete em dar um significado para a psicanálise, uma vez que ela comporta teoria e terapia, depois ele fala sobre o objetivo dela. É dentro do objetivo que encontramos um entendimento para terapia, no pensamento de Freud.

Psicanálise é “um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, um método para o tratamento de distúrbios neuróticos, e uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica²³”.

O objetivo da psicanálise é liberar informações inconscientes antes inacessíveis, de modo que se possa lidar com eles conscientemente. Para Freud, a partir da liberação das informações bloqueadas, é possível dirimir as atitudes auto-destrutivas. É possível fazer uma reavaliação da necessidade de ser punido trazendo à consciência os atos que conduziram à necessidade de punição. Dessa forma, Freud acredita que as pessoas podem ser libertas do sofrimento que trazem dentro de si mesmas.

Compreendemos, portanto, à luz do exposto, que a terapia é o acompanhamento dado ao paciente durante o seu tratamento, que na psicanálise, já está bem claro que consiste em observar e ouvir o paciente até que as informações bloqueadas no inconsciente sejam liberadas para o consciente e a cura possa acontecer.

²³ A presente tradução brasileira, diretamente do alemão, é da autoria de Durval Marcondes (Professor de Psicologia Clínica da Universidade de S. Paulo e Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise) e de J. Barbosa Corrêa (Professor de Clínica Médica da Escola Paulista de Medicina). Feita para a Companhia Editora Nacional, data de 1931. Foi ligeiramente modificada por Jayme Salomão (Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro).

Na psicanálise pode-se ainda entender terapia a partir da exposição feita por Jorge Zahar, no dicionário de psicanálise. Nessa fonte pesquisada, o conceito de terapia correlaciona-se com a psicoterapia, assim pode ser compreendido como o método de tratamento psicológico das doenças psíquicas que utiliza como meio terapêutico a relação entre o médico e o paciente, sob a forma de uma relação ou de uma transferência. Inclui na noção de psicoterapia o hipnotismo, a sugestão, a catarse, a psicanálise e todos os métodos terapêuticos próprios da história da psiquiatria dinâmica.

O dicionário de psicanálise de Zahar traz também a informação de que “historicamente, a psicoterapia nasceu ao mesmo tempo do antigo ‘tratamento moral’, aperfeiçoado pelo alienista francês Philippe Pinel (1745-1826) e do tratamento magnético inventado por Franz Anton Mesmer²⁴”.

Pesquisas recentes, veiculadas em noticiários e revistas, mostram que o mal do século XX foi o estresse; a tendência é de que ele continue no presente século; não raro nos deparamos com pessoas que afirmam ter passado por este problema ou ainda estarem com ele. Por este motivo, os consultórios psicológicos, psicanalíticos e os gabinetes pastorais estão cada vez mais concorridos por pessoas vítimas desse mal.

Para Sidnei Vilmar Noé²⁵, falar em comunidade é falar em comum e unidade, comum no sentido de igual a todas as pessoas que pertencem àquela unidade. Sustenta que a comunidade de iguais demonstra sua unidade externa e internamente. Entendemos que a forma externa refere-se ao que é visível, ao estereotipado, através dos usos e costumes. Internamente a unidade do grupo é perceptível a partir de certa ideologia coletiva, que define o sentido de comunidade por identificar-se autônoma e distinta de outros grupos, portanto, do mundo à sua volta.

²⁴ ZAHAR, Jorge (Ed.) **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, 1998, p. 624-625.

²⁵ HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar. **Comunidade terapêutica**: cuidando do ser através de relação de ajuda. 2. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005. p. 7-8.

A igreja vista sob o prisma de comunidade terapêutica se compromete em proporcionar às pessoas relações humanas significativas de atenção, afeto e de complementaridade, isso porque as pessoas precisam umas das outras. Esta comunidade terapêutica é um incentivo à vida e nela há solidariedade, tanto irmãos como irmãs se consolam mutuamente.

Falar de Jesus Cristo como um terapeuta é contextualizá-lo na era moderna, ou pós-moderna, isso porque na época em que exerceu o seu ministério entre os homens, não havia esta conceituação para o tipo de trabalho desenvolvido por ele. Hoje, porém, com a grande necessidade de um atendimento às pessoas na área emocional, tem-se propagado as idéias de terapêutica e terapia nas comunidades, de forma sem precedentes na história humana.

Jesus marcou o seu tempo. Suas palavras, registradas na Bíblia, continuam restaurando vidas em todo o mundo. Quando do exercício ministerial, ele representava a figura esperada pelos seus contemporâneos, a sua revelação sobre Deus e seus propósitos para com a criação era espetacular, ou para os céticos, no mínimo curiosa. Ele revelou-se como o “Deus Eterno”, sua mensagem tocou profundamente as multidões que o ouviam, ao passo que incomodava principalmente os doutores da lei judaica.

O ministério do Senhor Jesus foi completo. Ele pregava, ensinava e curava. Como pregador, Jesus era o “Kerigma”, aquele que saía proclamando as boas-novas pelas ruas e vilarejos, pelas praças e mercados, nas sinagogas ou beira-mar, bastava-lhe ter ouvintes. "E percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo²⁶."

²⁶HAGEE, 2001, Mateus 4.23.

Gustav Jung ao analisar Jesus como um arquétipo afirma:

a linguagem dos símbolos acerca de Cristo consiste sobretudo nos atributos que caracterizam a vida do herói, tais como: origem improvável, pai divino, nascimento ameaçado de perigo, pronta salvação, amadurecimento precoce, superação da própria mãe e da morte, milagres, fim trágico e prematuro, tipo de morte simbolicamente significativo, efeitos póstumos (aparições), sinais miraculosos, o logos, filho do Pai, Rei da glória, juiz do mundo, redentor e salvador, Jesus é o próprio Deus, uma totalidade universal expressa iconograficamente.²⁷

Como se pode observar no discurso de Jung, Jesus representa uma figura diferente, um símbolo de herói. Não esqueçamos que este herói de Nazaré tem sua história lembrada até os nossos dias por seu ministério como pregador, como mestre e, sobretudo como um terapeuta, conforme podemos analisar no texto de Lucas, médico e discípulo de Jesus:

O Espírito do Senhor é sobre mim, Pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, E restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do senhor.²⁸

Jesus era apresentado ao povo por seus discípulos como o Grande Mestre e médico por excelência. A pregação é uma das mais importantes formas de o pastor exercer o ministério terapêutico. Muitos ébrios têm sido libertados da embriaguês, muitos toxicômanos têm sido totalmente transformados pelo poder da palavra, que é espírito e vida. Essa palavra conduz crianças, jovens e adultos a um contato com o Salvador. Assim, os rejeitados, diminuídos, os desajustados socialmente, os enfermos de doenças graves, encontram esperança, encontram a vida.

Para que esse ministério não fosse encerrado com a sua ascensão aos céus, Ele intercede diante de Deus por seus discípulos, e lhes capacita para apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres²⁹. Assim Jesus deixa à posteridade o exemplo que deve ser seguido por todos e todas que desejam exercitar a prática terapêutica tão necessária a todos os seres humanos.

²⁷ JUNG, Gustav. *Psicologia da religião ocidental e oriental*, 1983, p. 154.

²⁸ HAGEE, 2001, Lucas 4.18-19.

²⁹ HAGEE, 2001, João 17.18; 20.21; Lucas 9.1,2; Efésios 4.11.

Pregar é o primeiro passo para iniciar o tratamento de seres humanos, em qualquer faixa-etária. O escritor do livro de Provérbios há muito recomendava: “ensina a criança no caminho em que deve andar e, ainda quando for velho, não se desviará dele³⁰”. Nesse trabalho enfatizo que todo homem e toda mulher ao ouvir falar dos ensinamentos de Jesus, precisa também de conhecimentos mais específicos, mais direcionados aos seus reais problemas para que se encontrem possíveis soluções.

Como figura nos Evangelhos, Jesus como terapeuta nunca rejeitou os casos que lhe apareceram para resolver. As pessoas com algum tipo de problema, o procuravam em busca de resposta e Ele prontamente se dispunha a ouvi-las e apresentar-lhes respostas. Basta-nos olhar para o encontro que a mulher adúltera teve com ele, assim como Zaqueu e aquela mulher com o fluxo de sangue. Todos esses fatos estão relatados no evangelho segundo João e no evangelho segundo Lucas³¹.

Jesus nunca fracassou em seu ministério terapêutico, a sua capacidade de acolher e promover a cura das pessoas era extraordinária. A cura se dava tanto física como emocionalmente. No plano maravilho de Deus encontramos a figura central, Jesus Cristo, que recebeu do Pai o ministério de reconciliação e o de proclamar a piedade. Como o Bom Pastor, deu a sua vida pelas ovelhas, como prova máxima da empatia e amor.

Ele inaugurou uma nova forma de render culto a Deus e provou em palavras e atitudes que o Reino dos céus pertence aos menos valorizados. Quando tentam impedir as crianças de se aproximarem dele, todos são surpreendidos com sua indignação e ordem expressa: “deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus³².” Diante dessa atitude do mestre, os discípulos perceberam que valorizar os desprezados socialmente era condição básica para agradar a Deus.

³⁰ HAGEE, 2001, Provérbios 22.6.

³¹ HAGEE, 2001, João 8.3; Lucas 19.2 ss.

³² HAGEE, 2001, Marcos 10.13-16.

O interessante é que a cultura da época era tão impregnada da lei, que a graça de Cristo surpreendeu a todos. Até mesmo aqueles que estavam próximos a ele tiveram dificuldade em vislumbrar a nova vida proposta pelo mestre.

O ideal ético de Jesus quebrou os paradigmas da sua época: visitava o vale dos leprosos e levava a cura, conversava e dava oportunidade às prostitutas, admitiu em seu círculo de amizades aqueles que eram rejeitados socialmente, valorizou e deu voz às mulheres, crianças e viúvas. Enfim, A ética de Jesus era a “ética pela vida”, e para que outros a tivessem, Ele mesmo doava a sua, não havia limites para atender aos mais necessitados.

A ética cristã é moldada nos princípios divinos defendidos, vividos e ensinados pelo mestre Jesus, e como tal é imutável, uma vez que a preservação da vida está acima de qualquer valor moral ou reflexão ética aceitos numa sociedade.

No sermão do monte, o mestre dá a receita da felicidade; assim percebemos que se na ética aristotélica buscava-se atingir a felicidade, Jesus Cristo inaugura uma ética da felicidade, quando ele oferece aos pobres de espírito o reino dos céus; o consolo aos que choram; a herança da terra aos mansos; a fartura aos que têm fome e sede de justiça; a misericórdia aos misericordiosos; a oportunidade de contemplar a face de Deus aos limpos de coração; a paternidade divina aos que são pacificadores ³³.

Como crentes em Jesus, entendemos que a missão da Igreja Batista da proclamação, em Jardim Cajazeiras, deve priorizar o acolhimento e atendimento eficaz de crianças, adolescentes e jovens. A origem do termo igreja, como foi visto na introdução desse capítulo, suscita uma ação transformadora nas pessoas envolvidas no grupo ao passo que induz a se moverem em favor de outras. Considerando o histórico da igreja batista, percebemos que os princípios que a norteia priorizam a vida; assim entendo que podemos, com a ajuda das Escrituras e de métodos terapêuticos, proporcionar momentos de alívio, alegria, paz e cura da alma, do corpo e do espírito para crianças e jovens.

³³ HAGEE, 2001, Mateus 5.1-12.

Entendo que a Igreja Batista será conhecida como comunidade terapêutica na medida em que firmar-se no atendimento eficaz das crianças, adolescentes e jovens que buscarem nela amparo, pois Jesus ao comissionar seus discípulos e capacitá-los para o exercício terapêutico nas comunidades, privilegiou os excluídos. Nesse aspecto, a igreja batista, através da sua Convenção, reconhece e incentiva seus membros a participarem com todo esforço, para se alcançar o bem comum da sociedade em que vivem.

No artigo XVI, que contempla a ordem social, declara que o maior benefício que um crente pode prestar é o de anunciar a mensagem do evangelho, pois o bem-estar social, a justiça entre os homens dependem da regeneração de cada pessoa e da prática dos princípios evangélicos na vida individual e coletiva. Esse bem-estar coletivo tem valor de inclusão para órfãos, viúvas, anciãos, enfermos, bem como a todos que são vítimas de quaisquer injustiças e opressões.

O imprescindível, no entanto, é treinar conselheiros e conselheiras para a função do aconselhamento e que elas possam atender a todos que as procurarem. Segundo Clinebell, o objetivo da dimensão religiosa do aconselhamento é ajudar as pessoas a crescerem na profundidade de sua vida espiritual, de modo que todos os aspectos da sua vida tenham mais vitalidade e sejam potencializados.

Um outro aspecto é fomentar o bem-estar espiritual, uma vez que o aconselhamento visa ajudar pessoas nas etapas de aprendizagem e crescimento, a fim de que resulte no viver harmônico com os princípios básicos do mundo psicológico-espiritual³⁴. Quando refletimos nessa perspectiva de comunidade terapêutica, constatamos que o atendimento deve ser especializado e personalizado, principalmente quando se refere aos seres humanos em desenvolvimento físico, emocional e espiritual, como é o caso de crianças, adolescentes e jovens.

³⁴Clinebell, 1987, p. 106;108.

3 Apontando caminhos para o desenvolvimento da prática terapêutica na Igreja Batista a partir dos aportes das teorias de Erik Erikson e Freud.

3.1 Como trabalhar com a infância e a juventude

A idéia que tenho de como trabalhar com a infância e a juventude, i.e., crianças, adolescentes e jovens, da Igreja Batista da Proclamação fundamenta-se, primeiramente, no conhecimento que adquiri durante os seis anos de dedicação à pesquisa teológica, bem como a partir da atuação, durante o mesmo período, na referida Igreja. Desde o início da investigação sistemática, através desta pesquisa, tenho procurado apresentar uma análise de textos produzidos por teóricos idôneos, que fazem abordagens sobre comunidade terapêutica, além de pesquisar na psicologia e na psicanálise os conceitos para terapia.

Agora busco, nessas ciências, ferramentas para trabalhar adequadamente o tema em discussão, no sentido de responder como a Igreja Batista poderá ser para que se destaque na sociedade hodierna ante a infância e juventude que a frequênta.

Apontarei caminhos para o desenvolvimento da prática terapêutica na igreja, a partir da análise e compreensão de conhecimentos teológicos, psicológicos e psicanalíticos. Na psicologia, escolhi a concepção teórica desenvolvida por Eric Erikson acerca das oito idades da vida, o que inclui a infância e a juventude. O seu conceito de identidade foi muito bem aceito com a sua teoria das “oito idades da vida”. Destarte, tanto o conceito de identidade como a sua teoria foram reelaborados e criticados na psicologia do desenvolvimento, com o objetivo de responder melhor às carências da sociedade.

3.2 Aporte de Erik Erikson

A escolha de Erik Erikson¹ se deu, principalmente, porque para desenvolver trabalhos na área educacional da Igreja Batista com crianças, adolescentes e jovens, é necessário ter conhecimento dos fatores que, nestas faixas-etárias, contribuem para a elaboração da personalidade, uma vez que elas são influenciadas por fatores biológicos, culturais e ambientais, como defende o psiquiatra e psicólogo Erikson. Assim, sinto-me agora mais segura por escolhê-lo, pois suas convicções são precisas e sua linguagem sobremodo acessível.

Entendo que a partir da elaboração da identidade pessoal, os adolescentes e os jovens bem acompanhados, por educadores devidamente qualificados, compreenderão melhor a importância e complexidade dos papéis sociais que eles devem desempenhar. Como educadora inserida numa sociedade pós-moderna, encontro o grande desafio de, ao trabalhar com a faixa-etária acima, poder contribuir para a elaboração da identidade pessoal, defendida e explicada por Erikson. A partir da interação com o grupo e, da observância das experiências de cada um, ser capaz de orientar responsabilmente na formulação de regras sociais e redefinição de valores.

Estou consciente de que, a partir da elaboração da identidade pessoal, o adolescente e o jovem, bem acompanhados por educadores e conselheiros devidamente qualificados, compreenderão melhor a importância e complexidade dos papéis sociais a serem desempenhados nessa idade. O desafio nessa era pós-moderna está muito além da mera tarefa de transmitir conhecimentos científicos, agora somos co-responsáveis na formação da identidade pessoal. Na Igreja há uma missão especial, que é tríplice: além da conscientização da preservação do corpo há necessidade de se atender aos anseios da alma – identidade pessoal - e do espírito.

¹Erik Erikson discorre sobre as influências culturais e as do meio ambiente na elaboração da personalidade do indivíduo. Em suas obras dedica-se mais à adolescência.

Um dos grandes prejuízos que o Modernismo teológico trouxe à igreja foi a racionalização da fé, a insistência em explicar cientificamente os fatos milagrosos relatados nos evangelhos, desse modo o modernismo tenta destituir o cristianismo do seu poder curativo e regenerador. A igreja ao longo dos anos vem se acomodando, aceitando os absurdos do pensamento modernista. A ação do Espírito Santo tem sido restringida e pouco a pouco vemos igrejas frias, sem brilho, calor, sem aquele pulsar da Igreja primitiva descrita em Atos dos Apóstolos.

A igreja tem a oportunidade de mudar esta situação de apatia e acomodação. Basta a nós, envolvidos nela, voltarmos às doutrinas elementares e permitir ao Espírito que nos use para o louvor da Glória de Deus. Basicamente é um imperativo para nós educadores esclarecermos à infância e à juventude que eles estão inseridos numa sociedade onde a concorrência desenfreada e o individualismo tornaram-se um mal comum. O fator fundamental é buscar tanto a identidade própria, quanto sua autonomia, para que assim não aumentem as estatísticas de adultos carentes de identidade pessoal.

Constatei, a partir dessa pesquisa, que hoje há uma necessidade premente de os profissionais de educação sistemática e os voluntários das comunidades de fé (educação assistemática), mudar as perspectivas no empenho educacional. A igreja, ao trabalhar com educação cristã, precisa acompanhar essas mudanças, pois novos olhares e novos pensamentos devem ser formulados e manifestos, uma vez que a educação relevante nesta era de pós-modernidade é a que se ocupa da formação e orientação do jovem, na tentativa de corresponder à situação atual.

Erikson nos faz refletir sobre a crise peculiar vivida pelos adolescentes, que ao enfrentarem profundas modificações corporais, próprias da idade, passam ainda por turbulências biopsíquicas e mudanças tanto nos papéis sociais, quanto nas próprias convicções de mundo. É exatamente a partir de um entendimento maior e embasamento científico que pretendo desenvolver melhores trabalhos com crianças, adolescentes e jovens. Nesse sentido, considero a teoria de Erikson um suporte possível e apropriado para a minha área de atuação como educadora.

A igreja através dos seus líderes e departamentos deve, ao tratar com o adolescente, abordar temas que estes consideram relevantes. Dessa forma, torna-se mais fácil introduzir situações problema nas classes de estudo, fomentar os debates sobre namoro, sexualidade, ética, violência doméstica, violência urbana, drogas, questões familiares, relação de amizade, dentre outros. Quando os adolescentes sentem que a igreja é lugar de aprendizado dos mais variados temas, que a igreja estimula o autoconhecimento e a possibilidade do encontro de respostas para perguntas inerentes a essa faixa etária, há maior interesse em freqüentá-la e integrar os grupos de jovens organizados pela mesma.

A proposta dessa pesquisa é a de instrumentalizar a Igreja Batista para cumprir a sua missão de ser acolhedora e promover o bem-estar coletivo através do ensino claro das Escrituras, de eventos, encontros e palestras. Ela precisa ocupar-se muito mais com a situação das pessoas que necessitam de ajuda; deve incentivar o trabalho voluntário, objetivando destacar-se na comunidade local promovendo mudanças significativas, visto que o voluntariado é uma grande oportunidade de fazer o jovem interagir com o meio em que vive e cooperar para o seu progresso.

Com o voluntariado, o jovem sente-se co-participante da transformação esperada por todos. As formas de ação voluntária são variadas e dependem apenas da boa vontade e criatividade do voluntário para atender às necessidades da comunidade carente.

Deste modo, reconhecemos que esse tipo de atuação na sociedade deve ser incentivado nos lares, nas escolas e nas igrejas. Já é tempo de o reconhecermos, valorizando, apoiando e motivando as pessoas envolvidas. Ao dedicar seu amor, sua energia e generosidade, o voluntário estará atendendo a um impulso natural do ser humano: auxiliar quem está em situação precária, colaborando, assim, no resgate da alegria perdida das pessoas e no alívio de seus sofrimentos. O voluntariado é uma excelente oportunidade de intervir na sociedade e contribuir para as mudanças que esperamos.

O voluntário verá que a qualidade de vida será melhor para todos, e isso o inclui. Sentimentos adormecidos de compaixão e solidariedade, altruísmo e responsabilidade social serão motivados, pois quando nos preocuparmos com a sorte dos outros, ao nos mobilizarmos por causas de interesse social e comunitário, estabelecemos laços de amor, confiança e solidariedade mútuos. Essas ações em favor do próximo tornam a sociedade mais justa e fazem de cada um de nós verdadeiros cidadãos.

Estou consciente sobre a situação atual em que se encontra a educação do nosso país, em especial a dos jovens. É a partir desse primeiro ponto necessário ao educador que pretendo, com base no suporte teórico exposto por Erikson, corresponder melhor à situação da infância e da juventude inseridas numa sociedade plural como a nossa. Desejo desenvolver um melhor diálogo com eles, sobretudo no que se refere à compreensão e valorização das suas iniciativas, das atitudes em favor da coletividade.

Partindo desses pressupostos fundamentais de estar cônica do meu papel social, do diálogo, da compreensão e da valorização do jovem, pretendo contribuir para a formação de uma sociedade mais digna, mais justa e mais humana. Como educadora, não acredito que seja necessário reinventar a humanidade; creio absolutamente que estes adolescentes e jovens de hoje, se bem orientados por profissionais comprometidos com uma formação holística, formarão a sociedade que desejamos.

Todos os profissionais envolvidos com este tipo relevante de educação precisam contribuir para que crianças, adolescentes e jovens desenvolvam atitudes em prol do ser humano. No entanto, para que isso seja possível, é necessária uma orientação específica para a elaboração da personalidade. Essa orientação deve ter embasamento teórico à altura da tarefa a ser executada. Destarte, escolhi Erik Erikson, para com ele trilhar este caminho, uma vez que em suas obras ele dedica grande atenção à adolescência, fase em que o ser humano depende mais de um acompanhamento integral.

3.3 Aporte de Sigmund Freud

A outra concepção teórica que escolhi para dar suporte a esta pesquisa é a de Freud. Há debates constantes da sua teoria psicanalítica, no que se refere à estrutura da personalidade, sobre as relações do ego, do id e o superego, e até mesmo o papel do complexo de Édipo no desenvolvimento da personalidade do adolescente. No entanto, esses debates não tiram de Freud as razões fundantes do seu brilhante trabalho; considero Freud um grande cientista, principalmente porque, mesmo nas questões que são constantemente debatidas, encontro pistas favoráveis para compreender melhor as crianças e os jovens.

A tese freudiana de que todo comportamento se inter-relaciona, de que não há acaso psicológico, de que algumas escolhas que fazemos na vida são provenientes de experiências guardadas no inconsciente, são muito importantes para compreendermos o comportamento das crianças e dos jovens. Essas pistas sobre o comportamento humano nos conduzem a uma introspecção, a uma busca pelo autoconhecimento, a dialogarmos com o nosso eu e com as demais pessoas, a extrairmos os males internos e a sermos recompensados com o alívio de compreendermos sobre os traumas presentes na câmara escura do inconsciente.

Freud contribui com a minha pesquisa ao oferecer em seus estudos e conclusões instrumentos como o auto-exame do paciente, a ponderação, a análise de sonhos, a observação de padrões repetidos de pensamento e do comportamento. Estou certa de que, como toda ciência, a psicanálise também tem as suas limitações, contudo sei que todos nós, enquanto educadores, podemos contar com ela nos momentos importantes de observação da personalidade.

Entretanto, o próprio criador da teoria assegura que a análise não se aplica a qualquer um e que a terapia psicanalítica não significa a cura definitiva. Para ele “a psicanálise é realmente um método terapêutico como os demais. Ela tem seus triunfos e suas derrotas, suas dificuldades, suas limitações e suas indicações²”.

² FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro, 1976. livro 29, de 1933. p.61-62 na ed. brasileira.

Um primeiro aspecto muito interessante a ser considerado nessa pesquisa que faço é a abordagem de Freud sobre a questão do determinismo psíquico. Ele assegura que não há nenhuma descontinuidade na vida mental e nada ocorre ao acaso, principalmente quando o assunto relaciona-se aos processos mentais. Para cada pensamento, cada memória revivida, sentimento ou ação, há sempre uma causa, desse modo os eventos mentais são causados pela intenção consciente ou inconsciente sendo determinadas pelos fatos que os precederam.

Todo esse parecer científico é extremamente importante, pois estou desenvolvendo uma pesquisa para auxiliar a infância e a juventude que sofrem com problemas familiares e que apresentam dificuldades de auto-estima, auto-aceitação, dificuldades nos relacionamentos com o grupo. Entendo que buscar apoio teórico em Freud, principalmente para a minha prática na comunidade em que atuo é de grande valia.

A partir do conhecimento das teorias de consciente, pré-consciente e inconsciente, passo então a compreender melhor o mundo psíquico dessas crianças, desses adolescentes e desses jovens. Destarte, quando dialogo com eles entendo que os problemas psíquicos que hoje são revelados em suas vidas, têm ligação direta com o passado, e principalmente que as ações praticadas no presente, repercutirão em suas vidas no futuro. A maior parte da consciência é inconsciente e nela estão os principais determinantes da personalidade, as fontes da energia psíquica e pulsões ou instintos.

Para Freud, “o consciente é somente uma pequena parte da mente e inclui tudo o que estamos cientes num dado momento³”. Já o processo psíquico inconsciente ainda é desconhecido⁴. Acerca do inconsciente se tem conhecimento de que ele possui elementos instintivos, não conscientes e não são acessíveis anteriormente à consciência e que nele há informações que foram reprimidas na consciência.

³1940, livro7, p.30 na ed. brasileira

⁴ 1933, livro 28, p.90 na ed. brasileira

Freud sustenta que "aprendemos pela experiência que os processos mentais inconscientes são em si mesmos intemporais. Eles não são ordenados temporariamente, o tempo não os altera, a idéia de tempo não lhes pode ser aplicada"⁵.

O pré-consciente sendo, segundo Freud, a parte do inconsciente que pode tornar-se consciente com facilidade e, sendo também uma área de posse das lembranças, de que a consciência precisa para desempenhar suas funções, é a área da mente, dentro da teoria psicanalítica, considerada por mim como a mais importante e desafiante compreender. Ela tem fundamento basilar para trabalhar as memórias das crianças e jovens da Igreja Batista, visto que são estas memórias inconscientes que hoje os deixam inquietos, agressivos e tristes ou que os fazem apresentar atitudes e sentimentos opostos a essas.

O nosso objetivo, porém, não é o de assumir o lugar do psicanalista e realizar um trabalho analítico com as crianças e os jovens da nossa Igreja. A nossa principal meta é a de compreender melhor as causas dos comportamentos nessas faixas-etárias, de modo que possamos lidar de forma mais adequada com eles e oferecer uma ajuda mais apropriada, uma vez que desejamos atender à criança e à juventude não somente na área espiritual.

A partir dessa pesquisa, pretendo dar uma melhor contribuição para a infância e juventude da minha congregação, com uma base teórica em Freud, pretendo caminhar com mais qualificação. No entanto, dentre as possibilidades de observação e acompanhamento, não irei trabalhar com a interpretação de sonhos, pois implica uma pesquisa mais acurada. Ao observar a necessidade local, percebi a necessidade de trabalhar com essas faixas-etárias, então procurei nas obras de Freud as ferramentas para desenvolver a tarefa acima descrita e encontrei subsídios para analisar a personalidade dos sujeitos envolvidos.

⁵ 1920, livro 13, p. 41-42 na ed. brasileira

Freud demonstra, dentro do item estrutura da personalidade, que, ao observar os seus pacientes, percebeu uma série interminável de conflitos e acordos psíquicos. Ele tentou estruturar os três componentes básicos da psique e chegou ao que denominou de id, ego e superego. O id constitui-se num componente desorganizado, nele encontra-se a herança de tudo que se acha no nascimento, principalmente os instintos⁶.

Na estrutura da personalidade original, o id é o mais central. Para Freud “as leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id (...) impulsos contrários existem lado a lado, sem que um anule o outro, ou sem que um diminua o outro⁷”. Desse modo, nota-se que: a) no id está reservada a energia de toda a personalidade; b) que os conteúdos são em maioria inconscientes; c) que possuem informações nunca conscientes. No entanto, um pensamento ou uma lembrança excluída da consciência e localizada nas sombras do id é capaz de influenciar a vida mental de uma pessoa.

O ego, por sua vez, desenvolve-se a partir do id, e para atender as constantes exigências do id sua tarefa é a de auto-preservação, é a de garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade. O ego é a parte do aparelho psíquico que está em contato com a realidade exterior. Ele tem sob seu comando o movimento voluntário.

Com referência aos acontecimentos internos relacionados ao id, o ego desempenha a missão de controlar as exigências dos instintos, decide se elas devem ser satisfeitas, adia essa satisfação para ocasiões e circunstâncias favoráveis no mundo exterior ou supre as suas excitações. O ego busca evitar o desprazer⁸. O ego é criado pelo id para enfrentar a necessidade de reduzir a tensão e aumentar o prazer. Enquanto o id é sensível à necessidade, o ego responde às oportunidades.

⁶ 1940, livro 7, p.17-18 na ed. brasileira.

⁷ 1933, livro 28, p. 94 na ed. brasileira

⁸ 1940, livro 7, p. 18-19 na ed. brasileira.

O superego desenvolve-se a partir do ego, Ele é o depósito dos códigos morais e modelos de conduta. Para Freud há três funções do superego: a consciência, a auto-observação e formação de ideais. Quando o superego está em desenvolvimento, ele encontra a sua primeira tarefa: ajudar o menino que passa pelo complexo de Édipo aos três anos de idade. Como a castração e a ansiedade, o temor e amor pelo seu pai, e o amor e o desejo por sua mãe não podem ser completamente resolvidos, o superego precisa atuar mantendo o complexo reprimido e inconsciente.

Nessa teoria de Freud, é interessante analisar as relações entre os três subsistemas, que segundo a análise que segue, são interdependentes. A psique tem como meta manter um nível de equilíbrio para dirimir o desprazer, para realizar esta tarefa o id libera a energia necessária para acionar o sistema; o ego lida com as pulsões básicas do id e medeia as forças que operam no id e no superego; este por sua vez, atua como freio moral e fixa normas que limitam a flexibilidade do ego.

A teoria psicanalista contribui em minha pesquisa, desenvolvida a partir da observação e acompanhamento da infância e juventude da Igreja Batista, porque o propósito da teoria freudiana é “fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção, expandir sua organização de maneira a poder assenhorar-se de novas partes do id”⁹.

Mesmo considerando que o id é inteiramente inconsciente, que o ego e o superego o são em parte, Freud afirma que grande parte do ego e do superego pode permanecer inconsciente, o sendo normalmente inconsciente. Em outras palavras, a pessoa nada sabe dos conteúdos dos mesmos, sendo necessário despender esforços para torná-los conscientes¹⁰.

⁹ 1933, livro 28, p.102 na ed. brasileira.

¹⁰ 1933, livro 28, p.89 na ed. brasileira.

Dessa forma, temos em mãos ferramentas para trabalhar o fortalecimento do emocional e da personalidade das crianças e dos jovens da igreja, levando em consideração que há notadamente uma fragilidade nos comportamentos dessas pessoas observadas naquele lugar. Freud então nos oferece subsídio para o fortalecimento da personalidade através dos estudos que realizou, se forem bem compreendidos e aplicados, promoverão a cura de traumas inconscientes e que hoje prejudicam a vida dessas pessoas.

3.4 As fases psicosexuais do desenvolvimento

Para trabalhar a infância e a juventude, além de conhecer o funcionamento dos três subsistemas que estruturam a personalidade, é imprescindível conhecer também as fases psicosexuais do desenvolvimento. As pesquisas em Freud nos fazem reconhecer que as fases da vida desde bebê até a vida adulta são marcadas primeiramente por mudanças no objeto de desejo e depois em como satisfazer cada desejo.

Nas fases de desenvolvimento há modificações tanto nas formas de gratificação, quanto nas áreas físicas de gratificação. Quando não há progresso pessoal de uma fase para outra, e uma pessoa encontra-se fixada numa determinada fase, configura-se então o desenvolvimento anormal dessa pessoa.

As fases psicosexuais do desenvolvimento são: a oral, a anal, a fálica e a genital. A fase oral, observada desde o nascimento do bebê, está associada à necessidade e à gratificação; ela concentra-se em primeiro momento nos lábios e na língua e posteriormente nos dentes. Nessa fase, o bebê tem a sua pulsão básica voltada ao saciamento de fome e sede, aqui prazer e redução da tensão estão diretamente associados ao processo de alimentação.

Na vida adulta há interesse contínuo em manter prazeres orais, como: comer, mascar, fumar, lambe, morder, e beijar com estalo. Para Freud, as pessoas que comem demais, as fumantes e as que mordicam constantemente, podem estar parcialmente fixadas na fase oral, e a maturação psicológica pode não ter sido completada.

A fase seguinte à oral é a anal; ela pode ser observada entre os dois e quatro anos, quando as crianças aprendem a controlar as estruturas das regiões do ânus e da bexiga; assim ela passa a dar atenção especial à micção e a evacuação. A criança sente prazer ao controlar essas ações fisiológicas e sente-se gratificada quando recebe elogios dispensados pelos pais, no que se refere ao controle gradual e eficaz dessas ações.

A partir dessa análise, Freud constatou que a ordem, a economia e a obstinação são características aparentes na vida adulta e que estão associadas à fixação parcial na fase anal. Portanto, ele nomina como “caráter anal” o comportamento que está ligado às experiências ocorridas durante esta época da infância.

A fase fálica, que focaliza as genitais do corpo, inicia-se aos três anos. Nessa fase a criança torna-se consciente das diferenças sexuais. A partir de suas observações, Freud concluiu que homens e mulheres desenvolvem sérios temores sobre as questões sexuais, sendo essa fase a que determina a questão de opção sexual.

Após os cinco anos de idade, as crianças mudam em relação ao apego aos pais; a partir dessa fase, elas procuram relacionamento com os seus companheiros, com as atividades escolares, com os esportes e outras. O período de latência ocorre entre os cinco e seis anos até o início da puberdade. Na latência, os desejos sexuais não resolvidos da fase fálica e que não são atendidos pelo ego, são reprimidos pelo superego.

Por fim, chegamos à fase genital que marca o início da puberdade, ela constitui-se a final do desenvolvimento bio-psicológico. Com ela retorna-se a energia libidinal dos órgãos sexuais. Segundo Freud, os meninos e as meninas tornam-se conscientes de suas identidades sexuais distintas e iniciam a busca de formas para satisfazer suas necessidades eróticas.

Freud acreditava que as pessoas poderiam ser libertas do sofrimento em que se encontravam a partir da psicanálise. No livro de número 31 (trinta e um), ele falou que o propósito da psicanálise é “revelar os complexos reprimidos por causa de desprazer e que produzem sinais de resistência ante às tentativas de levá-los à consciência¹¹”.

A psicanálise tem como atribuição erguer o véu da amnésia que oculta os anos iniciais da infância e trazer à memória consciente as manifestações do início da vida sexual infantil que estão contidas neles.

Um segundo aspecto muito interessante da teoria de Freud, é a contribuição que a psicanálise oferece à humanidade, através de importantes pistas de como os problemas psíquicos são gerados. Daí eles podem ser compreendidos e tratados. Sabe-se que a psicanálise se limita a tornar consciente o mal que se situa no recôndito do inconsciente humano, e ajuda-nos a trazer ao mundo consciente o nosso interior e, assim, termina a sua tarefa, transferindo para o paciente a responsabilidade de sair da situação em que se encontra.

Os pesquisadores da área de psicologia, ao refletirem sobre a psicanálise, chegaram à conclusão de que apenas trazer ao mundo consciente o problema existente, não é fator determinante da cura e tão pouco um homem sozinho sabe lidar com a potencialidade do seu inconsciente. Ele precisa de ajuda de uma pessoa. É exatamente aí que encontramos possibilidade de ajudar, acompanhar, aconselhar, compreender e atuar como comunidade terapêutica na igreja.

Após compreendermos um pouco sobre determinismo psíquico, sobre os três componentes básicos da psique, i.e., o id, ego e o superego, precisamos reconhecer um segundo aspecto relevante na psicanálise e que contribuirá para o desenvolvimento dessa pesquisa. Trata-se da análise de alguns problemas emocionais e, a partir dessa análise, aprendermos com ela algumas ferramentas para lidar com os tais problemas.

¹¹ 1906, livro 31, p. 62-63 na ed. brasileira.

A ansiedade é um primeiro problema que, segundo Freud, é provocado por um aumento da tensão ou desprazer, podendo desenvolver-se em situação real ou imaginada. Para dirimir a ansiedade, Freud encontrou duas possibilidades: a primeira é lidar diretamente com a situação, a segunda é deformá-la ou negá-la, sendo que essas distorções são produzidas no ego e são nominadas de mecanismos de defesa¹².

Os mecanismos de defesa são desenvolvidos na infância e são formas encontradas pela psique para se proteger das tensões internas e externas. Através deles evitam-se a realidade, excluem-se a realidade, redefinem a realidade ou invertem-na. Os sentimentos internos alcançam o mundo externo, a realidade é dividida ou dela se escapa.

Esses mecanismos colaboram para a minimização da ansiedade; são eles: a repressão, a negação, a racionalização, a formação reativa, o isolamento, a projeção e regressão; todos eles classificados como sendo patogênicos, podem ser encontrados em pessoas saudáveis, porém, a presença deles é um indicativo de possíveis sintomas neuróticos.

Considero relevante descrevê-los de modo resumido, pois esses mecanismos de defesa fazem parte do dia-a-dia das crianças, dos jovens e dos adultos; então como pretendo trabalhar, em especial com duas dessas faixas etárias, convém-me entender esses processos mentais para dar o acompanhamento adequado.

A repressão consiste em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância. Ela afasta da consciência o elemento que provoca a ansiedade e impede, com esse afastamento, qualquer solução. O elemento reprimido aloja-se no inconsciente e continua sendo um problema. Para Freud, os sintomas histéricos freqüentes têm origem numa repressão antiga.

¹² 1933, livro 28, p.99-100 na ed. brasileira.

Ele relaciona à repressão, doenças psicossomáticas, como a asma, a artrite e a úlcera. Além desses, podem estar relacionados ainda o cansaço excessivo, fobias, impotência ou frigidez¹³. A negação é a tentativa de, na realidade, não aceitar um fato que perturba o ego. A racionalização é o processo de achar motivos aceitáveis para pensamentos e ações inaceitáveis. É um modo de aceitar a pressão do superego. Ela torna as nossas ações moralmente aceitáveis.

A formação reativa, desenvolvida na infância, é uma inversão inconsciente do desejo. Ela substitui comportamentos e sentimentos que são diametralmente opostos ao desejo real, ela oculta parte da personalidade que pode tornar-se inflexível. As formações reativas estão presentes em qualquer comportamento excessivo¹⁴.

Projeção é o mecanismo de defesa que consiste em atribuir a um outro ser as qualidades, sentimentos ou intenções que se originam em si próprio. Através da projeção, os aspectos da personalidade de um indivíduo são deslocados de dentro de si para o meio externo. Quando projetamos, não vemos dentro de nós o que nos parece claro nos outros.

No isolamento, como mecanismo de defesa, uma pessoa pode separar as partes da situação, provocadoras de ansiedade, do resto da psique. Uma pessoa pode isolar-se cada vez mais em idéias e ter contato cada vez menos com os seus sentimentos.

Por fim, chegamos ao último mecanismo de defesa citado por Freud, a regressão. Esse mecanismo consiste em retornar a um nível de desenvolvimento anterior ou a um modo de expressão mais infantil. Através dele é possível aliviar a ansiedade. Dos modos de defesa vistos, este é o mais primitivo, ele reduz a tensão, porém, deixa sem solução a fonte de ansiedade original.

¹³ 1915, livro 11, p. 60 na ed. brasileira.

¹⁴ 1905, livro 2, p. 73 na ed. brasileira.

Na complexa teoria da psicanálise, seu fundador elege o corpo como o centro de funcionamento da personalidade. Outro aspecto muito importante é quando ele aborda a questão do relacionamento social e assegura que as primeiras experiências infantis são extremamente importantes para as interações e relacionamentos futuros.

Nesse ponto, encontramos em Freud pistas para compreender certas atitudes e posturas adotadas na vida adulta; isso porque segundo o seu conhecimento, relações que acontecem no núcleo da família são determinantes na formação do adulto. Assim penso que se cuidarmos da formação psicológica das crianças de hoje, teremos jovens e adultos mais saudáveis.

Também constatamos que um olhar sensível para o núcleo familiar, no sentido de formar e manter relacionamentos equilibrados poderá ser o caminho mais acertado para uma sociedade igualmente equilibrada. Vejo como um efeito em cadeia: iniciamos o tratamento dos casos nas suas origens, partindo da infância, e chegaremos a respostas mais precisas e responsáveis.

A família é o ponto crucial para a boa ou má formação da personalidade da criança. As atitudes e reações, as escolhas que são feitas, têm sua origem nos laços criados no convívio familiar, na forma como os pais se relacionam com os seus filhos. Apesar de a vontade nunca ter sido um elemento da personalidade de grande interesse e pesquisa para Freud, em 1894, ele escreveu que os eventos provocadores de ansiedade podiam ser reprimidos através de um esforço de vontade¹⁵.

Freud, em suas observações e estudo de caso, percebeu que as pessoas são motivadas por forças poderosas da emoção que se originam no inconsciente. As emoções são tão importantes que, através delas, aliviemos as tensões e sentimos prazer. Elas servem ao ego no sentido de ajudá-lo a evitar a tomada de consciência de situações que nos fizeram mal.

¹⁵ 1894, livro 32, p. 57 na ed. brasileira.

Cabe ao terapeuta a tarefa de interpretar o que o paciente lhe diz, sendo que esta interpretação é realizada por intuição e experiência clínica. O terapeuta deve encorajar o paciente a liberar, de modo natural, a energia reprimida para o consciente, pois somente nele é que o ego pode usá-la e garantir a saúde, sanidade e segurança da personalidade. O terapeuta expõe, explora e isola os instintos componentes que foram negados ou distorcidos pelo paciente. Assim, para Freud, a psicossíntese é atingida durante o tratamento analítico, sem a intervenção do terapeuta, mas automática e de modo inevitável¹⁶.

Pretendemos, na Igreja Batista, oferecer o primeiro acompanhamento à infância e à juventude, no sentido de ouvi-las e acompanhá-las em seus problemas; no entanto, ao identificarmos a necessidade de um tratamento analítico, certamente os encaminharemos para o profissional competente. Reitero que não trataremos de problemas psicológicos na igreja; a nossa missão consiste em ouvir e encaminhar as pessoas que necessitam de um tratamento e um acompanhamento mais qualificado.

3.5 Ferramentas para o desenvolvimento da prática terapêutica na Igreja Batista a partir dos aportes das teorias de Gary Collins e Clinebell

O conceito de terapia para Collins é concebido de acordo a idéia que ele trabalha com aconselhamento. Encontrei no primeiro capítulo do livro “Aconselhamento cristão” apenas uma pista de como ele a concebe. Posso compreender a sua concepção de terapia, quando ele diz que não é fácil aconselhar, que milhares de técnicas de aconselhamento acham-se em uso e que livros sobre terapia e ajuda às pessoas são impressos regularmente.

Collins sugere que o terapeuta cristão ajude o aconselhando a desenvolver a auto-compreensão, a comunicação, aprendizado, modificação de comportamento, auto-realização e apoio. Porém, para que todos esses alvos possam ser alcançados, eles devem ser definidos durante as sessões de aconselhamento, um a um, até que haja sucesso total.

¹⁶ 1919, livro 27, p.72 na ed. brasileira

Para Collins, o aconselhamento tem por finalidade ajudar as pessoas no desenvolvimento da personalidade, no enfrentamento dos seus problemas, dos conflitos interiores e nas emoções que as prejudicam. Relata que dois autores, após terem visto aproximadamente cem estudos sobre a eficácia do aconselhamento, concluíram que “as técnicas terapêuticas só podem atuar quando o conselheiro possui uma personalidade inerentemente positiva¹⁷”.

Ao citar C. H. Petterson (1973, p. 535-36), deixa transparecer que faz relação direta de conselheiro com terapeuta e aconselhamento com terapia. A informação mais clara acerca da correlação que Collins faz entre terapia e aconselhamento está mais evidente na página 14, quando ele faz uma abordagem de igreja como comunidade terapêutica. Collins argumenta que Jesus falava com frequência aos indivíduos sobre as necessidades pessoais deles. Ele ocupou-se em treinar os discípulos para continuar o seu ministério de ensino, evangelização, serviço e aconselhamento, quando estivesse ausente.

O autor menciona os textos de Atos dos Apóstolos 2.42-47; 4.32-35, para afirmar que a igreja “não era apenas uma comunidade de evangelização, ensino, discipulado, mas também uma comunidade terapêutica”. Defende que “em toda sociedade é a igreja que possui o maior potencial como comunidade terapêutica¹⁸”.

A partir das observações de Collins, fica evidente que o terapeuta cristão pode ajudar o aconselhando a desenvolver a auto-compreensão, a comunicação, aprendizado, modificação de comportamento, auto-realização e apoio. No entanto cabe ao terapeuta conhecer algumas técnicas para que o aconselhamento seja eficaz, a exemplo podemos citar: a atenção, o saber ouvir, o momento certo para responder e ensinar.

¹⁷ COLLINS, 1995, p. 11-12.

¹⁸ COLLINS, 1995, p. 14.

Durante o aconselhamento, o terapeuta deve refletir no que diz o aconselhando, é possível fazer algumas perguntas, confrontando-o de maneira suave, sem atitude julgadora; informar quando os fatos narrados requererem mais detalhes; interpretar no sentido de explicar ao aconselhando o que seu comportamento ou outros eventos significam e, por fim, apoiar e encorajar destacam-se como partes muito importantes no aconselhamento, principalmente nas primeiras sessões¹⁹.

Gary R. Collins comenta que o aconselhamento objetiva estimular o desenvolvimento da personalidade, além disso ajuda as pessoas a enfrentarem os seus problemas, como os conflitos emocionais, por exemplo, encorajando-as e orientando-as quando estiverem sofrendo uma decepção ou perda de um ente querido. Collins afirma que o aconselhamento pastoral objetiva conduzir o indivíduo a uma relação pessoal com Jesus, possibilitando-lhe ser um discípulo capaz de discipular a outros.

O dom do discernimento é dado por Deus e no aconselhamento este dom é imprescindível; um adolescente em crise que procura o pastor certamente está buscando uma resposta pastoral. Cabe ao pastor, portanto, ater-se ao peso da Palavra de Deus, isso porque a crise existencial pela qual um indivíduo passa, caracteriza-se por questionamentos de padrões estabelecidos e novos valores são descobertos, a visão de mundo assume outra dimensão, assim o sujeito se perde e se desestrutura.

Segundo Gary R. Collins, a atenção, o saber ouvir, responder e orientar no ato da conversação, o parar para refletir sobre o que o aconselhando está falando, o saber confrontar apresentando alguma idéia para o aconselhando, o saber encorajar e ensinar, são algumas das técnicas que, se bem aplicadas no processo de aconselhamento, gerarão um resultado muito mais rico e proveitoso. Assim podemos ver que os conceitos de terapia para a psicologia e para a psicanálise remetem a um acompanhamento do indivíduo, com objetivo de conhecer seus problemas e ajudá-lo a encontrar a melhor solução.

¹⁹ COLLINS, 1995, p. 21-24.

Analisando agora o ponto de vista de Clinebell²⁰, observamos em sua tese que havendo um pastor exercendo o ministério de aconselhamento, a igreja torna-se auxiliadora, no sentido de ser um posto de salvamento, um hospital e um jardim da vida espiritual. Isto porque é o aconselhamento que poderá ajudar a salvar as áreas da vida de pessoas que no dia-a-dia estarão se desgastando com a ansiedade, a culpa e a falta de integridade.

É extremamente relevante o aconselhamento pastoral nas igrejas batistas, uma vez que este tipo de serviço por elas prestado à comunidade, melhora a qualidade de vida das pessoas, mais especificamente no que se refere a uma renovação constante nos relacionamentos grupais da infância e juventude. O aconselhamento ajuda as pessoas a serem igreja, i.e., uma comunidade em que o amor de Deus é vivenciado nos relacionamentos. Além de propiciar a renovação das crianças e dos jovens, o aconselhamento contribui para que eles sejam agentes de renovação, tanto na igreja, quanto na sociedade, que estão ávidas por esse momento.

Segundo Clinebell, o aconselhamento pastoral precisa atualizar o nível de auto-identidade e maturidade, aprofundando principalmente as suas raízes teológicas, além de ampliar sua metodologia para ajudar à humanidade que está em crise. O aconselhamento será eficaz na medida em que ajudar os indivíduos a aumentarem suas capacidades de relacionamentos íntegros neles próprios e nas outras pessoas.

Os relacionamentos devem ser crescentes e que satisfaçam mutuamente as necessidades. O aconselhamento deve possibilitar o desenvolvimento de relacionamentos sólidos. O pastor precisa perceber as necessidades das pessoas de seu tempo e contextualizar seu ministério de assistência e cura, a fim de que a igreja seja sempre relevante para atender as necessidades mais profundas das pessoas.

²⁰ Howard J. Clinebell, pastor, conselheiro, professor de seminário e diretor do centro de aconselhamento pastoral e de crescimento no sul da Califórnia. Autor de **Aconselhamento pastoral; Terapias contemporâneas de crescimento** e de **A saúde mental do ministério da igreja local**, dentre outros.

Clinebell sustenta que para fortalecerem seus relacionamentos, os indivíduos devem ser capazes de lidar mais construtivamente com sua carga de problemas, com as perdas e responsabilidades. Assim eles serão capazes de promover a reconciliação em sua família, em sua comunidade e na sua igreja. Como o aconselhamento é, segundo o que vemos no Novo Testamento, tarefa de toda a igreja, cabendo a ela propiciar a assistência, a cura e o crescimento, o pastor poderá colaborar no treinamento dos membros, orientando-os e supervisionando-os.

No aconselhamento pastoral o uso da Bíblia é fundamental, o conselheiro deve permitir que a sabedoria bíblica o norteie nesta tarefa tão complexa que é a de aconselhar. Além de fornecer exemplos e explicações sobre as questões humanas mais freqüentes, ela traz ensinamentos de consolo e fortalecimento para as pessoas em crise.

Para que o aconselhando ou aconselhanda compreenda a linguagem bíblica, cabe ao conselheiro comunicar a ele ou a ela as palavras apropriadas para o momento. É o que podemos classificar como a palavra de sabedoria, a palavra certa no momento certo. O apóstolo Paulo, ao escrever sua primeira carta aos coríntios, diz que esta capacitação é dada pelo Espírito Santo: "Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento²¹".

Quando um jovem/uma jovem em crise recebe uma palavra de esperança e principalmente de certeza que Deus está presente para consolar, ele/ela sente-se encorajado/a e fortalecido/a para as novas realidades que precisa encarar. A palavra de esperança deve conscientizar o/a aconselhando/a a respeito da visão cristã da vida como dádiva divina.

²¹ HAGEE, John, C. **Bíblia de estudo das profecias**. trad. em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. Barueri, SP: Sociedade bíblica do Brasil, 2001. 1568p. ICoríntios 12.8.

4 As propostas para encaminhar o problema levantado nesta pesquisa.

4.1 Encaminhamento do problema

A Igreja Batista da Proclamação, através dos seus organizadores e voluntários, poderá desenvolver ações relevantes para a comunidade de baixa renda do bairro no qual está instalada. Essas ações priorizarão: educação religiosa para as crianças, os adolescentes e os jovens; capacitação profissional, como: inclusão digital e projeto artesanato com material reciclado e a reciclagem de papel.

Essas ações dependerão do esforço conjunto da Igreja e da comunidade, principalmente no que diz respeito à convicção de que a educação deve conduzir o indivíduo ao desenvolvimento e crescimento pessoal nos âmbitos intelectual, emocional e espiritual, para que, através dela, ele tenha a capacidade de reconhecer, interpretar e interagir com a própria realidade, criando e produzindo na perspectiva de uma sociedade justa e democrática.

Para conseguir desenvolver o projeto dessa pesquisa numa igreja com poucos recursos financeiros e humanos, em primeiro lugar precisamos contextualizar a congregação batista ante a realidade social que vivemos no século XXI; ela precisa rever conceitos tradicionais de atendimento à infância e juventude; além disso, deve buscar recursos junto às instituições privadas e/ou parcerias junto às ONGs, com a finalidade de desenvolver um trabalho em que estejam envolvidas pessoas qualificadas, que possam atender a uma parcela maior das crianças e jovens da comunidade em que a igreja está instalada.

A Igreja Batista deve empenhar-se em trabalhar as vidas que ela acolhe, num sentido mais amplo, abrangendo a integralidade dos sujeitos participantes das suas reuniões e/ou das atividades religiosas, educativas e recreativas que propõe aos domingos. Acreditamos que ela será relevante no século XXI à medida que for, principalmente, relacional.

No que se refere ao desenvolvimento comunitário, a igreja dará uma atenção especial às crianças, aos adolescentes e aos jovens e procurará desenvolver na comunidade a capacidade de construir alternativas para o seu próprio desenvolvimento, bem como a tomada de consciência dos seus direitos e responsabilidades nos âmbitos político, civil e legal. Assim estaremos também fomentando o exercício da cidadania, estimulando a articulação de grupos comunitários que atuem de forma positiva na transformação da sua realidade.

Para conseguir realizar programas tão relevantes na comunidade de Jardim Cajazeiras buscaremos o apoio de alguns parceiros: os familiares dos indivíduos envolvidos no programa, donativos dos comerciantes do bairro e de outros bairros da cidade. Parcerias com órgãos que já colaboram com outras comunidades de fé, como o CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente); o CMAS (Conselho Municipal de Assistência Social); o SETRADS (Secretaria Municipal do Trabalho e Desenvolvimento Social); bem como estudantes voluntários das universidades estadual e federal de Salvador (UNEB e UFBA) que poderão nos auxiliar no atendimento psicológico, assistência social, em artes plásticas, música e informática.

Procuraremos parceria com a Igreja da Graça, no sentido de aprendermos com ela sobre o projeto social que lá é realizado pelo CECOM - Centro Comunitário Batista Clériston Andrade. Este projeto é de grande relevância para a comunidade local, bem como para a Cidade de Salvador. O meu principal objetivo é o de trabalhar com infância e juventude, no sentido de ajudá-los na formação da identidade e incentivá-los ao crescimento como indivíduos e como cidadãos. Vejo que esse exemplo dado pela igreja da Graça deve ser seguido por todas as Igrejas Batistas da Bahia, do Brasil e do mundo.

A nossa grande expectativa consiste em ver a Igreja Batista, do bairro em que atuamos, realizando projetos semelhantes, porém temos o desafio de trabalhar com escassos recursos. Precisamos então buscar recursos junto às instituições privadas e/ou parcerias junto as ONGs, com a finalidade de desenvolver um trabalho em que estejam envolvidas pessoas qualificadas, que possam atender a uma parcela maior das crianças e jovens da comunidade Jardim Cajazeiras.

Acredito que a igreja, desde o seu nascimento, foi chamada para desenvolver um ministério centrado no modelo de Jesus. Assim, ao seguir os passos Dele, dará continuidade ao seu ministério libertador. O Novo Testamento apresenta as características essenciais da igreja de Jesus Cristo: ser misericordiosa, amorosa, acolhedora e solidária. Dessa forma, ela seria vista não somente como mais um grupo de pessoas crentes nas doutrinas de um grande homem, mas como uma comunidade terapêutica, comprometida com a restauração de vidas.

Como educadora e, como uma das responsáveis diretas pelo trabalho com a infância e juventude da Igreja Batista da Proclamação, em Jardim Cajazeiras, encontro agora a oportunidade de aprofundar meus estudos e instrumentalizar-me para melhor desenvolver o trabalho com a faixa-etária citada acima, a qual tenho investido grande parte do meu tempo. Reforço minhas convicções de que é possível uma Igreja Batista atuar como comunidade terapêutica nesse século XXI.

Pretendo ainda implementar a assessoria diaconal na congregação para acompanhamento e aconselhamento, visando o desenvolvimento moral e espiritual da criança, do adolescente e do jovem. Para esse fim já contamos inicialmente com o GEAD (Grupo de Evangelismo e Discipulado), o grupo previamente treinado dedica-se à visitação e o acompanhamento de pessoas que estão com problemas.

Assim como as crianças e jovens que freqüentam as atividades da Congregação, de modo assíduo, precisam de um acompanhamento mais eficaz e especializado, as muitas crianças e os jovens que visitam a nossa congregação também sofrem problemas em seus lares. Precisamos ouvi-los, acompanhá-los e tratá-los, pois o futuro dessas crianças e desses jovens também pode ser

comprometido por esses problemas familiares. A nossa missão no bairro é atender a todos indistintamente. A questão crucial é tentar cumprir, como igreja organizada, a missão curadora de Cristo.

Apesar da carência de pessoas especializadas para servirem à Congregação, temos pessoas muito dedicadas e amorosas, considerando que se trata de um trabalho voluntário, percebo que esses sentimentos de fato são evidentes e reais. Todos servem nessa comunidade de fé conscientes de que Deus está no controle e que a carência explícita nunca será um impedimento para assistir àqueles que nos procuram, desde os pequenos até os grandes, pois acreditamos que o projeto de Deus para a vida das pessoas nem sempre depende de recursos financeiros, o amor está acima de tudo.

Pretendo treinar e coordenar grupos específicos de conselheiros e conselheiras para dar a assistência devida às crianças, aos adolescentes e aos jovens. Esses conselheiros (as), inseridos no século XXI, precisam estar muito bem preparados para o ministério de aconselhamento infanto-juvenil, isto porque a realidade social está caracterizada pelas diversas crises emocionais que influenciam todas as áreas da vida. As crises, antes mais acentuadas na maioridade, hoje alcançaram também as fases que antecedem a vida adulta. Entretanto, as crises estão presentes em todas as classes e espaços sociais.

A tarefa da Igreja deve ser executada com muita responsabilidade, persistindo e enfrentando corajosamente as adversidades sociais, visto que é possuidora de um ministério singular e insubstituível para o mundo hodierno. Jesus disse que a Igreja é o sal da terra e luz do mundo²². Pelo testemunho constante ela deve dar a conhecer o que Deus requer do ser humano, bem como da necessidade do arrependimento. Foi com esta finalidade que o mesmo Deus fez de Seu povo os guardiões de Sua verdade²³.

²² HAGEE, John, C. **Bíblia de estudo das profecias**. trad. em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. Barueri: Sociedade bíblica do Brasil, 2001, Mateus 5.13-16.

²³ HAGEE, 2001, II Tessalonicenses 5.19 e Gálatas 2.7.

Como igreja viva é imprescindível expor as Escrituras para todas as faixas etárias, trabalhar com e pela verdade, e isso vem corroborar a opinião do valor e propósito da Igreja sobre a face da terra hoje. Reitero que todas as atividades com infância e juventude descritas nessa pesquisa, bem como tantas outras que não mencionei, são frutos de muito trabalho, muita fé, coragem, determinação, pois trabalhar com vidas carentes, numa comunidade carente, dispor de recursos ínfimos, não é uma tarefa fácil, no entanto, reconheço que todos nós temos um compromisso social e espiritual enquanto crentes em Jesus.

Diante de tantos fatos testemunhados por mim, quando do desenvolvimento de atividades envolvendo a crianças, adolescentes e jovens, fortaleço minha convicção de que a Igreja Batista pode e deve ser uma comunidade terapêutica para infância e juventude.

Constitui-se um desafio aos conselheiros e às conselheiras oferecer aos aconselhados uma proposta capaz de contribuir para que eles (as) tenham suas necessidades emocionais satisfeitas. O desafio que enfrentamos e enfrentaremos é ainda o de oferecer ajuda através do relacionamento pessoal, pois o aconselhamento consiste em traduzir a mensagem do evangelho para a linguagem de relacionamentos.

Partindo desses pressupostos fundamentais de estar cônica do meu papel social, do diálogo, da compreensão e da valorização da criança, do adolescente e do jovem, pretendo contribuir, através da minha atuação, para a formação de uma sociedade mais digna, mais justa e mais humana.

Finalizo reconhecendo que desenvolver a integralidade humana deve ser o objetivo da igreja. Em razão disso, concordo com Clinebell quando ele defende que a missão da igreja é a de ser um centro de vida em abundância, um lugar em que se liberta, sustenta e potencializa vida em toda a sua plenitude, em indivíduos, em relações íntimas e na sociedade e suas instituições. A partir desse pensamento de Clinebell, encontro um maior reforço para continuar olhando atenciosamente para a infância e juventude e hoje dedicar-me a essas faixas-etárias, a fim de que, num

futuro bem próximo, tenhamos pessoas saudáveis para amparar as que chegam à nossa comunidade de fé.

Cabe às pessoas envolvidas na educação e no aconselhamento cristãos, se colocarem à disposição de Deus, como instrumentos mediante os quais o Espírito Santo poderá ajudar, ensinar e guiar, para que as crianças, os adolescentes e os jovens que necessitam de amparo sejam eficazmente assistidos.

CONCLUSÃO

Como vimos nesta pesquisa, trabalhar numa igreja com o objetivo de fazer dela um ambiente propício à cura do corpo, alma e espírito, não é uma missão simples, mas compreendemos que a possibilidade surge quando olhamos para a infância e a juventude e iniciamos o trabalho a partir delas.

Como conselheira dessas faixas etárias e aliando a prática ao conhecimento teórico, vislumbro num futuro não muito distante uma denominação verdadeiramente promotora do bem-estar coletivo.

O aconselhamento para infância e juventude é um imperativo para estes dias. O pastor e a pastora do século XXI precisam estar muito bem preparados para o ministério de aconselhamento; isso porque a criança, o jovem, o homem e a mulher desse século estão vivendo uma difícil realidade, caracterizada pelas diversas crises emocionais que influenciam todas as áreas da vida.

Neste contexto social, de pessoas vivendo crises freqüentes e diversas, faz-se necessário um atendimento consciente e especializado; tanto psicólogos e psicanalistas como os pastores e pastoras, os conselheiros e as conselheiras, precisam de capacitação para enfrentar esta difícil realidade.

Entendo que a partir da elaboração da identidade pessoal, o adolescente e o jovem bem acompanhados, por educadores devidamente qualificados, compreenderão melhor a importância e complexidade dos papéis sociais que eles devem desempenhar.

Refletir sobre a vocação terapêutica da igreja é também refletir sobre o papel dela na sociedade. Mostramos neste trabalho que há necessidade de uma igreja relacional, cujo ambiente de amor e aceitação possibilite o encorajamento constante daqueles que dela se aproximam.

Apresentamos os pensamentos de alguns teólogos e psicólogos que têm se preocupado com a questão da saúde emocional, tanto na igreja como na sociedade. A partir das pesquisas de textos desses teóricos, percebemos que o aconselhamento e acompanhamento, antes limitado à prática pastoral, deve ser missão de todo o corpo formador da igreja, i.e, todos os membros, pequenos e grandes.

O cuidado e aconselhamento para todos e cada um se torna indispensável por sua dimensão terapêutica e é essencial em nossos dias. Assim, a igreja precisa ser uma comunidade terapêutica para firmar-se como lugar de cura, a fim de fazer-se presente nos momentos difíceis dos jovens que buscam nela alento, pois eles encontram no mundo contemporâneo um crescente individualismo e isolamento.

É o tempo de pós-modernidade que se caracteriza pela aceitação do efêmero, do fragmentário e do caótico. Cabe à igreja propiciar a assistência, a cura, o crescimento desses jovens. O pastor, a pastora, o conselheiro e a conselheira poderão colaborar no treinamento dos membros, orientando-os e supervisionando-os com esta finalidade.

A grande missão da igreja, portanto, é a de levar as pessoas a Cristo através do ministério da pregação, mas, sobretudo, exercitar a compaixão, a solidariedade e a cura, atendendo assim, o ser em sua totalidade: o físico, o espiritual e o emocional.

Destarte, o aconselhamento pastoral deixa de centralizar-se na pessoa do pastor, para estender-se a toda comunidade cristã; esta passa a desenvolver a consolação, a admoestação, bem como o questionamento como direito e dever, uma vez que alguns escritores do Novo Testamento apregoam o sacerdócio geral de todos os crentes.

O conselheiro e a conselheira cristãos têm como seu exemplo maior, e referencial para a prática de aconselhamento, a pessoa de Cristo; isso porque Ele, em sua caminhada e convívio com seus contemporâneos, fez uso de várias técnicas de aconselhamento; a aplicação de cada técnica dependia da situação em que a pessoa se encontrava. Ele a ouvia, a ensinava, a encorajava e a apoiava, embora também a confrontasse e a desafiasse.

Cabe aos conselheiros dos jovens se colocarem à disposição de Deus como instrumentos mediante os quais o Espírito Santo poderá ajudar, ensinando e guiando para que eles ajudem eficazmente as pessoas que necessitam de amparo. Creio que através do auxílio do Espírito Santo os conselheiros poderão tocar as vidas em seu íntimo e conduzi-las à maturidade espiritual e psicológica.

Aconselhamento consiste em compartilhar de forma empática com a outra, ajudando-a a entender a situação que está vivendo e, a partir da compreensão dos conflitos que foram gerados, possa escolher o melhor caminho a seguir.

No aconselhamento, o conhecimento das teorias psicológicas e psicanalíticas é importante, mas a Bíblia é fundamental; os conselheiros devem permitir que a sabedoria bíblica os norteie nesta tarefa tão complexa que é a de aconselhar. Além disso, os conselheiros precisam desenvolver a prática da oração e meditação diárias, que facilitará o crescimento espiritual no aconselhamento, podendo ser estas práticas de igual modo ensinadas aos aconselhados para que eles as utilizem em prol da cura dos seus problemas.

Destarte, se assistir um membro da igreja, ou uma pessoa que nela chega em estado de aflição, é o objetivo do pastor, que seja também de cada membro que dela faz parte. É bom lembrar que a área de aconselhamento da denominação Batista está carente e necessita do envolvimento de toda a comunidade que se reúne para bendizer o nome de Deus.

Por fim, podemos nesta conclusão sugerir algumas mudanças que são necessárias à igreja para que ela atue na sociedade como Comunidade Terapêutica.

Em primeiro lugar, o pastor, a pastora e toda a liderança da igreja precisam estar conscientes da missão de ser uma igreja relacional, em que os líderes se empenham no desenvolvimento de programas que propiciem o relacionamento entre seus membros e entre os congregados. Esses programas podem incluir estudos bíblicos, nas dependências da igreja, ou em espaços públicos; passeios em parques, praias e cultos nos lares. O ideal é que se promova ambiente alegre e informal nas reuniões e nos cultos, sem, contudo, perder a reverência e o respeito que tais momentos requerem.

Em segundo, partindo da observância de teorias psicológicas e psicanalíticas estudadas até aqui, bem como o exemplo maior de terapeuta, Jesus Cristo, a igreja possa treinar os membros para atuarem como conselheiros da infância, da juventude e dos adultos que nela buscam conforto na alma e no espírito.

Em terceiro, e agora uma proposta mais específica, a Igreja Batista precisa contextualizar-se ante a realidade social que vive o século XXI; ela precisa rever conceitos tradicionais de atendimento às faixas etárias, desde a infância até a idade adulta. Esta Igreja Batista precisa buscar recursos junto às instituições privadas e/ou parcerias, junto às ONGs, com a finalidade de desenvolver um trabalho em que estejam envolvidas pessoas qualificadas, que possam atender a uma parcela maior das crianças e jovens da comunidade na qual está inserida.

Esta igreja deve empenhar-se em trabalhar as vidas que ela acolhe, num sentido mais amplo, abrangendo a integralidade dos sujeitos participantes das suas reuniões e/ou das atividades religiosas, educativas e recreativas que propõe durante a programação da semana e dos domingos. Estou convicta de que a minha igreja será relevante no século XXI na medida em que for, principalmente, relacional e atender adequadamente todos os seus membros, a começar pelo investimento de tempo à infância e juventude que nela busca acolhimento.

Reconheço as limitações dessa pesquisa, sei que muitos teólogos, pastores, professores de estudos bíblicos, os membros de um modo geral de algumas igrejas têm se preocupado com a situação atual do mundo e muitas são as tentativas de

mudanças em suas igrejas, é exatamente dentre essas pessoas que eu me encontro.

A partir dessa pesquisa pretendo contribuir, em especial, para a transformação da minha igreja, se, contudo, outras pessoas através desse trabalho, se sentirem motivadas a pensar e a agir de forma mais prática, certamente será muito recompensador para mim. Pois, nesse primeiro momento já encontrei caminhos simples para incentivar a Igreja Batista em sua missão de atuar na sociedade como Comunidade Terapêutica para infância e juventude!

REFERÊNCIAS

[**A BÍBLIA SAGRADA**. Trad. de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994].

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 1. O sentimento da infância e 2. A descoberta da infância, p. 29-69.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000 [trad. por Gordon Chown].

CLINEBELL, H. **Aconselhamento pastoral – Modelo Centrado em Crescimento e Libertação**. São Paulo: Paulinas, 1987.

COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1990.

_____, **Aconselhamento cristão**, São Paulo: Vida Nova, 1995.

CURY, Augusto. Pais brilhantes professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DECLARAÇÃO doutrinária da CBB. In: Revista Compromisso. 4. sem. Rio de Janeiro, 2003.

DORSCH, Friedrich (Ed.) **Dicionário de Psicologia Dorsch**. Trad. de Emmanuel Carneiro Leão e equipe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro, 1976.

GANDINI, Alberto Daniel. **La Iglesia como comunidade sanadora**. Buenos Aires: Casa Bautista de publicaciones, 1989.

HAGEE, John C. **Bíblia de estudo das profecias**. trad. em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. 1568 p.

HOCH, Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei Vilmar. **Comunidade terapêutica: cuidando do ser através de relação de ajuda**. 2.ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.

JUNG, Gustav. **Psicologia da religião ocidental e oriental**. Petrópolis: Vozes, 1983.

LIMA, Raimundo de. **Para entender o pós-modernismo**. In: Revista Espaço Acadêmico, on-line, n. 35 abril/2004.

MARTINS, José de Souza. **O sagrado e os nós da secularização**. In: Caderno Aliás, O Estado de S. Paulo 05/02/06.

MEKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 1983.

MIRANDA, Ana Maria Vieira. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência: perspectiva psicológica**. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003. p.56-115.

NICHOLS, Robert H. **História da igreja cristã**. 9. ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

PEREIRA, Josias. **A função terapêutica na e da comunidade cristã**. In: Revista Teológica da Igreja Metodista, n.5, 55 p.1992.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA: casa civil, subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**.

SHURDEN, Walter B. **Quatro frágeis liberdades: resgatando a identidade e os princípios batistas**. Recife: MLK-B, 2005.

STRATTOON, Peter. **Dicionário de psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1994.

ZAHAR, Jorge (Ed.) **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, 1998.

APÊNDICE A1 - A história de vida da adolescente K. e a imagem que ela faz de Deus.

A oportunidade que tive de entrevistar a adolescente K., de 13 anos, foi emocionante e enriquecedora para mim, enquanto pesquisadora. A moça tem uma história de vida com uma experiência marcante, para sua pouca idade. Ela narrou que desde pequenina participava ativamente dos cultos da IECLB, seja através do coral infantil, do teatro, ou das festas comemorativas. Percebi uma grande influência sócio-familiar para o seu desenvolvimento de fé em Deus. Primeiro, porque seus avós eram cristãos luteranos; segundo, porque seus pais também eram e, terceiro, porque ela mesma convivia com pessoas da comunidade local, que pertenciam a essa mesma religião.

Sobre os avós paternos, narrou que eles eram católicos, mas que não convivia com os mesmos, pois morava muito longe da sua cidade. Na medida em que foi crescendo, participava dos grupos de crianças da igreja, hoje, porém, só participa deles quando vai ao interior onde conheceu a religião. Desde os seus 7 (sete) anos de idade reside em São Leopoldo. Foi nessa época que, segundo K., sentiu maior necessidade de uma aproximação mais efetiva com Deus. Esta necessidade surgiu porque se sentia rejeitada pelos coleguinhas da cidade de São Leopoldo, sua nova cidade. A rejeição se dava pelo fato de ela ser egressa de um interior de Santa Catarina e não “falar a mesma linguagem” das crianças daqui, relata.

K. narra que, diante das dificuldades nos relacionamentos com os novos coleguinhas, pedia a Deus para mudar a realidade que tanto a fazia sofrer, ela sentia-se rejeitada e queria até voltar para sua terra natal e esquecer-se de São Leopoldo. Durante essa fase, e com apenas 8 anos de idade, entrou em depressão, chorava muito e precisou passar três anos sendo acompanhada por uma psicóloga; foi nesse período difícil de sua vida que mais apegou-se a Deus, destaca.

Percebi em muitos momentos da nossa conversa que a adolescente K., tem um bom relacionamento com Deus. Quando lhe perguntei como o imaginava, ela o descreveu como uma pessoa jovem, de espírito jovem e alegre, moreno, olhos

verdes, cabelos compridos até o ombro e com idade até 20 anos. Disse-me que conforme foi crescendo, a imagem de Deus foi se modificando em sua mente.

Relatou que quando era pequena recebia Bíblias ilustradas da mãe e dali teve a sua primeira imagem de Deus; antes o concebia como um velhinho, com bengala na mão, sentado num trono, tinha barba longa e ficava em cima das nuvens com anjinhos a sua volta.

Interessante que a imagem formada mudou, mas a essência de Deus continua a mesma, diz K., para ela Deus é bom, perdoador e não olha o tipo de pecado, todo mundo erra e Ele sempre perdoa. Ela afirma que foi melhorando de sua depressão com a ajuda Dele. Vejo que esse momento foi crucial para reforçar a fé de K., nessa época uma criança de 8 anos, mas que, no momento de dor, buscou auxílio de Deus para sair do sofrimento.

O Dr Augusto Cury, 2003, p.13, diz assim: “Viver sem problemas é impossível. O sofrimento nos constrói ou nos destrói. Devemos usar o sofrimento para construir a sabedoria”. Vejo que a criança K. construiu sabedoria e por isso mesmo conseguiu sair do estado em que se encontrava. O problema de rejeição foi superado em um ano e reconhece que aquela foi uma fase de adaptação na nova cidade. Hoje se sente querida pelos colegas e diz que não deseja mais retornar para o interior.

A partir da narrativa de K., lembrei-me do estudo que fiz em MIRANDA, 2003. p.56-115, quando ela enumera os seis estágios da fé desenvolvidos por Fowler, estágios que têm forças correspondentes, relacionadas e identificadas. Em ordem, até a adolescência, são eles: a) a lactância (fé indiferenciada): mutualidade, confiança e pré-imagens do fundamento do ser; b) a primeira infância (fé-intuitivo-projetiva): o surgimento da imaginação, formação de imagens num ambiente último; c) a infância (fé mítico-literal), surgimento de narrativa e formação de estórias da fé; d) a adolescência (fé sintético-convencional): formação da identidade e moldagem de uma fé pessoal.

A leitura do texto de Ana Maria Miranda me conduziu à reflexão sobre fé na adolescência, quando ela aborda os estágios da fé, e apresenta o estágio três,

relacionado à adolescência, mostra através de Fowler que a fase adolescente é uma das mais belas do desenvolvimento humano, nessa fase se confirma a fé, num processo de firmar-se e confirmar-se no outro para chegar a identidade adulta.

Ainda em Fowler, Miranda observa que o grau de lealdade, confiança, os valores, as crenças, vão se desenvolvendo na criança, na medida em que há um vínculo entre pais e filhos. Dessa forma, a fé deixa de ser meramente teórica, abstrata, para se manifestar no relacionamento, fé é sempre relacional e compromete a pessoa em sua totalidade. É nesse último aspecto de comprometimento que Miranda assinala que a identidade e a fé são moldadas (p. 95).

K., hoje uma adolescente, mas que descobriu o poder restaurador de Deus aos 8 (oito anos) de idade, num momento de crise, sente-se feliz, mais fortalecida e preparada para encarar os desafios futuros, a partir dessa experiência de fé que viveu na infância.

Miranda destaca ainda que, inserir-se no mundo social do adulto, com suas modificações internas e seu plano de reforma, é o que vai definindo e esculpindo a personalidade do adolescente, sua ideologia, ou seja, sua identidade. As pessoas significativas para o adolescente podem contribuir de modo positivo ou negativo na composição das imagens do próprio eu, para a identidade e a fé em formação, que permitem a ele resgatar uma ordem de sentido de valor (p. 107-108).

No momento de crise da adolescente K., ela diz ter buscado Deus para sair daquela situação: assim reforço a minha idéia sobre fé e o encontro com o transcendente a partir do contato que se estabelece com Ele. Pelo aspecto subjetivo, tudo depende do grau de abertura de uma pessoa para o poder da fé. Essa abertura é graça de Deus. Recorrendo ao texto paulino, encontramos: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Ef 2.8). Portanto, fé também é dom de Deus. A jovem K. recebeu o dom da fé e, por exercê-la, recebeu a cura divina. Fé, diz Paul Tillich, “não é somente uma decisão da vontade, ela contém conhecimento” (2002, p. 10).

Para este autor, onde há fé também se encontra um conhecimento do que é sagrado, do divino. Apesar de “sagrado” ter o sentido comum de separado do âmbito do finito, o autor apresenta-nos sagrado como o “completamente outro”, sendo aquilo que difere do curso ordinário das coisas. Um ato de fé, afirma o autor, é realizado por um ser finito que está tomado pelo infinito e para este se volta (p.13-15).

Foi numa atitude de busca e de fé em Deus, que a adolescente K. encontrou saída para seu sofrimento “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (Hebreus 11.1). Como foi dito pela professora Karin Kepler, em sala de aula, “a partir do caos, nova ordem, a angústia é um fator organizador”, vi na história de vida da adolescente K. que a angústia vivida na infância gerou uma nova ordem para a sua vida presente e deu-lhe suporte emocional e espiritual para enfrentar outras possíveis crises em sua vida. Esta foi a conclusão a que ela chegou ao conversar comigo.

APÊNDICE A2 - Referências

[**BÍBLIA SAGRADA**. Trad. em português por João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1994.]

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

MIRANDA, Ana Maria Vieira. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência**: perspectiva psicológica. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: UMESP, 2003. p.56-115.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. Tradução de Walter O. Schlupp. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p.5-24.

APÊNDICE B - Narrativas das crianças e dos adolescentes da Congregação Batista em Jardim Cajazeiras: As histórias de vida e a imagem que fazem de Deus.

Criança identificada com a inicial I:

I., sexo feminino, 08 (oito) anos, cursa a 2ª série do ensino fundamental, tem um irmão de três anos. É moradora do bairro desde que nasceu. Sua mãe frequenta a igreja Batista. I. Conheceu o trabalho realizado com crianças quando tinha três anos de idade, através da sua mãe. Afirma gostar de toda a programação, porém sua preferência são os vídeos sobre histórias da bíblia.

Diz que foi a tia cristã quem falou de Deus para ela e quem a ensinou a orar e a cantar.

Os pais são separados, então I. mora com a mãe e seu irmão mais novo. “Meu maior desejo é que meus pais fiquem juntos”. Nesses dias a mãe não está trabalhando e o pai não dá os alimentos.

Admite que a situação em sua casa não é péssima e que deveria obedecer mais a sua mãe. A imagem que faz de Deus é de um homem alto, magro, novo, bondoso. Confessa que não ora todos os dias e justifica que é porque se esquece.

Criança identificada com a inicial A:

A., sexo masculino, 09 (nove) anos, três irmãos, sendo duas meninas e um menino, é morador do bairro desde que nasceu e frequenta a Congregação desde bebê. Na sua casa quem primeiro procurou a igreja foi a mãe, há aproximadamente 10 anos. O pai só passou a frequentar uma igreja evangélica, no ano passado, e preferiu uma outra denominação. No entanto o adolescente A. juntamente com seus irmãos vão para as atividades na igreja Batista levado por sua avó e pelas tias.

A. diz que gosta das atividades realizadas na igreja Batista e um colega que frequenta a escola para crianças sempre o incentiva a estar todas as semanas. Para A., ir à igreja é bom, tudo é bom.

Acredita que Deus é seu pai, amigo e colega. Pede sempre a Ele para ajudá-lo e ajudar a sua família e a própria igreja. Nos últimos dias tem pedido a Deus para

lhe dar um carro grande de brinquedo, crê que o seu pedido será atendido. Aos nove anos, cursa a 2ª série do primeiro grau e tem o sonho de ser um motorista.

Quando perguntei como ele imaginava Deus no que se refere à aparência, falou que Deus é um homem moreno, alto, cabelo comprido, tem bigode e barba. Solicitei que fizesse o desenho numa folha, mas falou que não sabia desenhar.

Criança identificada com a inicial L:

L., sexo feminino, 09 (nove) anos, oito irmãos, sendo quatro meninas e quatro meninos, é moradora do bairro desde que nasceu.

Seus pais não são cristãos evangélicos, a mãe às vezes vai à igreja católica, o pai não frequenta nenhuma comunidade cristã. Conheceu o trabalho realizado com crianças na igreja Batista ano passado, quando tinha oito anos de idade, através da sua avó materna que congrega nessa igreja e a convidou para participar com as outras crianças do bairro.

L. acredita que Jesus Cristo é um Pai, e Deus também é o seu pai. Gosta de tudo na igreja, mas principalmente de Deus. Ela sabe que Deus não é visível e que ele está no céu. Mesmo estando no céu crê que Ele pode ajudá-la nos momentos de dificuldades ora todos os dias e pede para que os pais sintam a vontade de também irem para a igreja.

Relata que o pai é alcoólatra, praticamente ingere álcool todos os dias, mas felizmente não agride a família. A mãe não trabalha, faz alguns “bicos” e nesse último carnaval trabalhou de cordeira, nos blocos de carnaval.

Para L., Deus é um homem alto, novo e tem cabelo longo na altura do ombro, ele é bom. Crê que para o seu lar ser alegre precisa ter Deus. Sofre porque um tio está preso, L. orou pedindo a Deus para tirar o tio da prisão, pediu que Deus enviasse um advogado e ficou muito feliz porque o seu pedido foi atendido, o tio já tem um advogado e isso foi motivo de ela orar agradecendo a Deus.

Adolescente identificada com a inicial J:

J., sexo feminino, 10 (dez) anos, dois irmãos, sendo uma menina e um menino, é moradora do bairro desde que nasceu. Frequenta a escola para crianças desde os cinco anos de idade, incentivada por sua avó que já é membro da igreja há

muito tempo. “Infelizmente meus pais não estão na igreja, eles iam antes, depois deixaram de ir, eles não moram juntos, eu moro com minha avó”.

Afirma que gosta muito da escola para crianças, principalmente o momento do estudo da bíblia, ler as histórias e compartilhar com as outras crianças.

Para J., Deus é o seu pai. Sabe que ele existe porque conversa com Ele todos os dias através da oração e tem certeza da presença de Deus porque quando pede algo a ele sempre recebe. Deus é meu pai, é um senhor bondoso, tem cabelos brancos e é magro.

Adolescente identificado com a inicial R:

R., sexo masculino, 10 (dez) anos, faz questão de dizer que está na 4ª série do ensino fundamental e que tem uma irmãzinha de 1(um) ano e dois meses. R. nasceu no interior do estado e freqüenta a escolinha da igreja há dois anos, afirma gostar de todas as atividades realizadas na classe. Diz que a escolinha ficaria melhor se tivesse carros para as crianças brincarem.

R., afirma que Deus criou os homens as mulheres e a terra. Sabe que Ele existe através dos textos bíblicos, afirma orar três vezes ao dia, acha muito bom orar, pois fala com Deus. Diz que foi a sua mãe quem o ensinou a orar e que ela freqüenta a igreja, infelizmente o seu pai é separado da família.

Quando precisa de algo, ora e pede a Deus, diz que aos seis anos, tinha o desejo de ter uma bicicleta, então pedia várias vezes a Deus, daí a recebeu de presente. Gosta do seu lar porque os pais não brigam.

A imagem que faz de Deus é a de um homem de olhos claros, barba, cabelos pretos, e de estatura baixa. Para R., Deus é amigo, irmão e é confiável.

Adolescente identificada com a inicial C:

C., sexo feminino, 11 (onze) anos, oito irmãos, sendo quatro meninas e quatro meninos, é moradora do bairro desde que nasceu. Freqüenta a escola para crianças desde os dois anos de idade, incentivada por seus pais que são membros da igreja Batista. Afirma que gosta muito da escola para crianças e pensa em trabalhar na igreja com a escola para crianças, pois já tem onze anos de idade e já pode cumprir essa tarefa.

De todas as atividades realizadas na escola para crianças, a que mais gosta é a explicação das histórias bíblicas e quando cada criança pode falar o que entendeu. Entende que Deus é Jesus Cristo, Deus é Santo, Poderoso e justo, é amigo, pai e irmão. Afirma que Ele está presente em sua vida. Ele é humilde, tem bom coração, é bonito, novo, tem cabelos grandes, barba média e seu corpo é meio fortinho.

Diz que tem apenas um irmão que ainda não vai à igreja, sente muito por isso e ora pedindo a Deus que salve e restaure a vida desse irmão. Sua casa é feliz e poderá ser muito mais quando seu irmão ir para a igreja também.

C., diz que sempre ora agradecendo a Deus por sua vida e sua família, mas que também ora pedindo alguma coisa quando precisa. Houve um dia em que estava muito querendo ir a um passeio com o grupo da igreja, porém não tinha o dinheiro para pagar, seus pais também não tinham, então pediu a Deus para providenciar. Relata: "Através da fé em Deus eu consegui ir, pagaram minha viagem, foi um milagre".

dela e por um vizinho que integravam a classe. Afirma que no dia 15 de junho, data do seu aniversário, ao completar sete anos, reconheceu que Jesus Cristo é uma pessoa importante.

Adolescente identificada com as iniciais Ln:

Ln., sexo feminino, 13 (treze) anos, dois irmãos, sendo meninos mais velhos que ela, é moradora do bairro desde que nasceu. Frequenta a escola para crianças desde os três anos de idade, convidada por um colega vizinho da sua casa que já participava das atividades da classe para crianças. Gosta muito de tudo o que é feito na escola infantil, mas hoje prefere ajudar as professoras com as crianças, pois se reconhece como uma adolescente.

Diz que infelizmente os pais não são cristãos, esse é um motivo para às vezes ficar triste. "o meu sonho é eu eles sejam cristãos". A casa/lar será mais unida e feliz quando todos forem para a igreja.

Conta que teve um problema no dente e ficou sem ir à igreja por muitos dias, no entanto recebia sempre a visita de muitos irmãos que iam lá orar por sua vida, com isso um dos irmãos passou a acreditar mais em Deus, pois com as orações o seu problema foi solucionado. O resultado foi que ele agora vai para a igreja.

Acredita que Deus é um espírito poderoso que vive no céu. Sabe que Ele existe porque ouviu seus ensinamentos através da palavra, a Bíblia, e, através dos louvores na igreja sente também a presença de Deus.

Vê Deus como um pai que é amigo. “Deus é misericordioso, perdoador e amoroso”, afirma Ln. Numa imagem O vê como um homem forte, escuro, cabelos longos e brilhantes, olhos azuis. “Deus é lindo”, confessa.

Adolescente identificada com as iniciais Li:

Li., sexo feminino, 14 (quatorze) anos, sete irmãos, sendo duas meninas e cinco meninos, é moradora do bairro desde que nasceu. Frequenta a escola para crianças desde os seis anos de idade, incentivada por um irmão dela e por um vizinho que integravam a classe. Afirma que no dia 15 de junho, data do seu aniversário, ao completar sete anos, reconheceu que Jesus Cristo é uma pessoa importante.

Sentiu que Deus estava presente e guardando a sua vida no dia em que um ônibus quase iria atropelá-la, quando brincava no meio da rua com outras colegas, e por um milagre o atropelamento não aconteceu. Diz que foi Deus quem a protegeu.

Li., tem certeza que Deus resolve seus problemas e relata que orava e chorava pedindo a Deus que a ajudasse a fazer as pazes com duas de suas amigas. Considera Deus como um amigo que a consola quando está triste, “na verdade Ele é a companhia quando estou só”.

No lar acha que não há harmonia, pensa que somente após a conversão do pai e dos irmãos é que tudo ficará bem. A mãe já frequenta a igreja Batista faz um bom tempo, tem convidado os filhos mais apenas uns dois vão. Para Li., todos deveriam ir para a igreja.

A imagem que tem de Deus é a de um anjo, uma espécie de pomba branca de olhos verdes e cabelos amarelos. Quando ora, vê essa imagem.

Adolescente identificado com a inicial B:

B., sexo masculino, 14 (quatorze) anos, cursa a 5ª série do ensino fundamental, tem uma irmã mais velha. Mora no bairro desde que nasceu, tem

vontade de morar em frente à praia. Seus pais são separados e não vê o pai com frequência, apenas nas férias, pois ele mora em outra cidade.

Sua mãe e sua irmã vão à igreja sempre e foi a irmã quem o levou para a classe das crianças quando ele tinha 7 (sete) anos. Diz ter sido a irmã quem primeiro falou de Deus para ele. Na escola de crianças gostava mais das brincadeiras e pinturas, hoje gosta mais, na classe para sua idade, da leitura da bíblia.

Para B., Deus é o todo poderoso. Ora todos os dias e quando sua mãe teve um problema de saúde orou para que ele ficasse boa e ela ficou. “Creio em Deus porque ele cura; quando eu era pequeno tinha um problema de saúde e Ele me curou”.

Seus principais desejos, e por eles ora sempre, são: se tornar um grande jogador de futebol e que seu pai volte para casa.

A imagem que faz de Deus é a de um homem novo, de barba preta, vestes brancas e luz encima dele. “Deus é pai e grande amigo”.

Adolescente identificado com a inicial W:

W., sexo masculino, 15 (quinze) anos, sete irmãos, sendo quatro meninas e três meninos, é morador do bairro desde que nasceu. Seus pais eram adeptos do culto afro, mas há oito anos freqüentam a igreja Batista. W. começou a freqüentar a igreja aos 7 anos, acompanhando seus pais. Para ele “Deus é tudo, é uma coisa imensa”, sabe da Existência de Deus através da fé e admite temer muito à palavra de Deus que é a bíblia.

W. diz que quer muito estar com Jesus Cristo até a sua volta à Terra e, quando morrer, quer morrer com Ele. Apesar das lutas e obstáculos, quer estar sempre com Ele, tem certeza que Deus está em sua vida porque o próprio Deus lhe deu um sonho que é o de ser jogador de futebol. Além disso quer estudar o curso de Direito para ser promotor. Afirma encontrar apoio da professora de língua portuguesa da escola onde estuda.

Aos 7 (sete) anos, na escola para crianças, da igreja Batista, reconheceu que Jesus Cristo é muito importante. Acredita que falta unidade na família para que ela seja realmente feliz. A pessoa que mais admira em sua casa é uma das irmãs e justifica que é ela quem o orienta e o confronta com a realidade o aconselhando quando precisa. Diz que quer ser igual a ela.

Vê Deus como “uma coisa incrível” é uma autoridade, é um amigo, um pai, sendo mais amigo que pai. Afirma ouvir a sua voz quando está orando, e vê uma imagem somente o busto (peito e cabeça) de um homem velho, careca, rosto cheio, sem barba e não vê cor.

Tem certeza da presença de Deus em sua vida e sentiu a sua proteção quando uma moto quase o atropelou na frente da casa de uma tia. Quando viu o perigo chamou por Deus e Ele o protegeu do acidente. Logo após o livramento orou agradecendo.

Pensava que diante das condições da família nunca teria uma chuteira, mas orava todos os dias para que Deus lhe desse uma, no dia em que o pai entregou uma chuteira nova ficou muito feliz e agradeceu a Deus, afirma que foi uma bênção de Deus.

ANEXO – Artigos 131 e 132 do Estatuto da Criança e do Adolescente

**Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº. 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990.

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

Art. 131. O Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos nesta Lei.

Art. 132. Em cada Município haverá, no mínimo, um Conselho Tutelar composto de cinco membros, escolhidos pela comunidade local para mandato de três anos, permitida uma recondução. (Redação dada pela Lei nº 8.242, de 12.10.1991).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S235i Santiago, Rita Cristina Coelho de Almeida
Igreja - uma comunidade terapêutica para infância
e juventude / Rita Cristina Coelho de Almeida Santiago;
orientador Rodolfo Gaede Neto. – São Leopoldo:
EST/IEPG, 2007.
102 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia.
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2007.

1. Obra da igreja junto às crianças – Batistas. 2. Obra
da igreja junto à juventude – Batistas. 3. Crianças – Vida
religiosa. 3. Jovens – Vida religiosa. 4. Comunidades
terapêuticas. I. Gaede Neto, Rodolfo. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia